

“Ensinar Geografia para o saber pensar o espaço e ser capaz de atuar no meio”

Sílvia Moreira Magalhães e Costa

Relatório Final de Prática Pedagógica

2.º Ciclo de Estudos em Ensino de História e Geografia

Orientação: Prof. Doutor Bruno Martins

Orientação: Prof.^a Doutora Marta Abelha

maio, 2015



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE



Sílvia Moreira Magalhães e Costa

“Ensinar Geografia para saber pensar o espaço e ser capaz de atuar no meio”

Relatório de Prática Pedagógica apresentado à
Universidade Portucalense Infante D. Henrique para a
obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da
Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário

Relatório realizado sob orientação:

Prof.^a Doutora Marta Abelha

Prof. Doutor Bruno Martins

maio de 2015

AGRADECIMENTOS

Na realização deste trabalho, não teria sido feito todo este caminho, se não fosse o apoio precioso da minha Orientadora, que estimo pela sua competência e disponibilidade. Assim, em especial cumpre-me exprimir um agradecimento profundo à Professora Doutora Marta Abelha, que esteve sempre disponível para me ouvir com simpatia, eficiência, profissionalismo e acima de tudo, sempre com uma palavra de estímulo. Quero agradecer também aos professores com quem estabeleci contacto direto que se mostraram essenciais para a realização deste estágio pelas observações e sugestões dadas no sentido de uma melhor elaboração das experiências de aprendizagem.

Um agradecimento especial aos professores do Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva: Professora Doutora Maria Beatriz Silva, diretora do Agrupamento, Professora Virgínia Amaral, professora orientadora, entre outros colegas que, pela forma calorosa como me receberam, mostrando disponibilidade em me ajudar sempre que necessitei. Foram e são uma fonte de inspiração e de aprendizagem. Aos meus pais, o meu total reconhecimento, pois a eles tudo devo e sem eles não teria chegado a esta etapa. Ao meu marido que suportou todos os momentos de maior ansiedade e trabalho, mostrando sempre a sua compreensão e total apoio. O agradecimento caloroso é, também, estendido a todos aqueles que direta ou indiretamente me impulsionaram nesta jornada, a todos os colegas e amigos, que tiveram sempre uma palavra de incentivo nos momentos mais difíceis.

Resumo

O presente Relatório de Prática Pedagógica reflete as experiências de trabalho pedagógico realizado durante o Estágio desenvolvido no Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva, nomeadamente, com as três turmas do 3.º Ciclo, durante o ano letivo de 2012/2013. Este Relatório tem como objetivo principal apresentar de forma sistematizada uma reflexão sobre o Estágio, nomeadamente, sobre as situações vivenciadas em contexto de sala de aula, que permitiram desenvolver experiências de ensino-aprendizagem, recorrendo a recursos pedagógico-didáticos diversificados, de forma a possibilitar aos alunos o desenvolvimento de competências essenciais ao desempenho na disciplina de Geografia.

Ao longo deste exercício procura fazer-se uma reflexão crítica do percurso formativo enquanto professora-estagiária, abordando processos, desempenhos e desafios colocados ao longo do quotidiano profissional experienciado. O Relatório enquanto proposta reflexiva, parte também dos dados recolhidos a partir dos questionários aplicados às três turmas da professora cooperante, a partir dos quais se procurou aferir a perceção dos alunos sobre estratégias de ensino utilizadas por professores de Geografia. Através das experiências pedagógicas, da observação participante e da observação indireta sistemática por meio do inquérito por questionário, foi possível apreender indicadores sobre a importância do cuidado na preparação e planificação das sessões letivas, recorrendo a variados materiais pedagógico-didáticos, tendo sempre em conta as características dos alunos de forma a promover a eficiência das estratégias de ensino-aprendizagem. A ligação entre a planificação refletida, a utilização de recursos diversificados e o atendimento às especificidades dos alunos relevam-se como um conjunto de estratégias eficientes para o sucesso na gestão do currículo em contexto de sala de aula e o desenvolvimento de conteúdos na disciplina de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Gestão da Sala de Aula; Aprendizagem; Alunos

Abstract

The present final report of teaching practice, presented to the University Portucalense Infante D. Henrique in fulfilling the compulsory requirements to obtain the Master degree in History and Geography Teaching of the 3rd cycle and Secondary Education, done under the supervision of Doctor Marta Abelha, reflects the experiences of pedagogical work accomplished during the internship carried out in the Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva, in particular, with three classes of the 3rd cycle. This report aims to present, in a systematic way, a reflection about the internship, particularly on the experienced situations in the classroom context, which allowed the development of teaching-learning experiences using diversified pedagogical-didactic resources, in order to enable students the development of essential skills to the good performance in the Geography subject.

Throughout this exercise we seek to make a critical reflection of the formative trajectory as a probationary teacher, broaching processes, performances and challenges faced throughout the daily professional experience. The report as a reflexive proposal is also based on the collected data obtained through the questionnaires applied to the three classes of the co-operating teachers from which we tried to measure the perception of students on class management strategies, pedagogical methods and techniques used by the geography teachers. Through pedagogical experiences, systematic direct participant observation, observation-participation and systematic indirect observation using the inquiry by questionnaire, it was possible to apprehend indicators about the importance of a careful preparation and planning of the lessons, using a range of pedagogical-didactic resources, always bearing in mind the students' characteristics in order to promote the efficiency of the teaching-learning strategies. The link between the reflected planning, the use of diversified resources and taking into account the specificities of the students stand out as a set of efficient strategies for the success in classroom management and the development of contents in the Geography discipline.

Keywords: Teaching, Geography, Classroom, Management, Learning, Students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	10
1.1. Caraterização da instituição de acolhimento	10
1.2. Descrição das funções do profissional e do papel enquanto estudante de Prática Pedagógica na instituição	12
CAPÍTULO 2. EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA	14
2.1. Cronograma de Atividades	15
2.2. Caraterização geral da Turma de Geografia do 9.º F	15
2.3. Problemas diagnosticados na Disciplina de Geografia da Turma do 9.º F	16
CAPITULO 3. DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	17
3.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia	17
3.2. Planificação e avaliação	18
3.3. Descrição das aulas lecionadas	23
3.4. Participação na escola e relação com a comunidade	25
CAPITULO 4. REFLEXÃO CRÍTICA FUNDAMENTADA SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS	26
4.1. Avaliação sumativa	27
4.2. Investigação realizada no âmbito das metodologias no ensino da Geografia	28
4.3. Caraterização dos participantes no estudo	28
4.4. Análise de dados	29
4.4.1. Caraterização social, económica e cultural dos alunos	29
4.4.2. Caraterização escolar dos alunos	34
4.5. Desenvolvimento profissional docente	51
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	59

ÍNDICE DE FÍGURAS

Figura 1 – Localização e Mapa do Concelho de Castelo de Paiva	9
Figura 2 – Fichas de trabalho desenvolvidas com a turma do 9.º ano	25
Figura 3 – Currículo Nacional do Ensino Básico – Geografia (Competências essenciais)	42

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Aulas Lecionadas e Observadas	13
Tabela 2 – Composição do Agregado Familiar	28
Tabela 3 – Atividades desenvolvidas	41

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idades dos Alunos	27
Gráfico 2 – Sexo dos Alunos	27
Gráfico 3 – Idades dos elementos quem compõe o agregado familiar	29
Gráfico 4 – Habilitações literárias dos pais dos alunos	30
Gráfico 5 – Profissões dos elementos do agregado familiar	30
Gráfico 6 – Situação face ao emprego	31
Gráfico 4 – Retenção dos alunos	32
Gráfico 5 – Anos de retenção	32
Gráfico 6 – Estudam Geografia todos os dias	33
Gráfico 7 – Tempo diário de estudo para Geografia	33
Gráfico 8 – Estudas habitualmente em casa?	34
Gráfico 9 – Local onde estudas habitualmente	35
Gráfico 10 – Alguém te ajuda a estudar?	35
Gráfico 11 – Quem te ajuda a estudar	36
Gráfico 12 – Existência de negativas no ano anterior	36
Gráfico 13 – Disciplina com negativa	37
Gráfico 14 – Boas notas no ano anterior	38
Gráfico 16 – Gostas de Geografia	38
Gráfico 15 – Razão para gostar de Geografia	39
Gráfico 16 – Razão para não gostar de Geografia	40
Gráfico 17 – Temas de Geografia que despertam mais interesse	40
Gráfico 18 – O teu professor usa tecnologia na sala de aula?	43
Gráfico 19 – Tecnologias mais usadas na sala de aula	44

INTRODUÇÃO

No presente relatório faz-se uma exposição e análise do percurso efetuado no Estágio inserido no Mestrado em Ensino de História e Geografia do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, dando a conhecer de forma reflexiva as experiências de ensino e aprendizagem desenvolvidas na área curricular de Geografia no Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva, durante o ano letivo 2012/2013.

Ao longo deste Relatório, pretende-se refletir sobre a prática do docente, analisando e avaliando os processos e instrumentos metodológicos e pedagógicos, no sentido de desenvolver, melhorar e inovar a prática pedagógica. As experiências desenvolvidas durante o Estágio permitiram verificar que compete ao professor criar e proporcionar condições para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, adotando estratégias eficazes em sintonia com os alunos, adquirindo este profissional a responsabilidade complexa de se apresentar como um elemento dinâmico, comunicativo e inovador, motivador e impulsionador da aprendizagem, não descurando do relacionamento de proximidade e diálogo constante com todos os atores educativos.

Das práticas pedagógicas desenvolvidas durante o Estágio sobressaiu a evidência da necessidade premente do recurso sistemático de estratégias e métodos inovadores e diversificados, de forma a gerar, manter e ampliar o interesse pela aprendizagem e pelos conteúdos da disciplina. As práticas pedagógicas tiveram subjacentes objetivos¹, entendidos como fundamentais para enquadrar a ação docente de forma a efetivar o binómio ensino e aprendizagem, a saber: desenvolvimento da reflexão sobre a prática, consciencializando decisões, condutas e dilemas; ensaio da tomada de decisões fundamentadas; resolução de problemas profissionais e conhecer os documentos oficiais da instituição acolhimento. No âmbito deste Relatório de Prática Pedagógica desenvolveram-se ainda outros objetivos, nomeadamente: caracterização da instituição de acolhimento; integração na equipa de trabalho da instituição; planificação e realização de atividades; participação nas reuniões; responsabilização, empenhamento e disponibilidade para tarefas da prática pedagógica; aplicação de conhecimentos e competências desenvolvidas nas Unidades Curriculares do Mestrado; e, por fim, desenvolver a capacidade de interpretação e resolução de problemas em situações novas e contextos diversificados.

¹ De acordo com as Normas Regulamentares do 2º Ciclo de estudos em Ensino da História e Geografia do 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da Universidade Portucalense.

O presente relatório inicia-se com a introdução, onde se pretende mencionar os pressupostos e expectativas deste relatório e da Prática Pedagógica. Estruturalmente, o presente Relatório encontra-se dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo, contém uma caracterização do contexto em que foi efetuado o Estágio. No segundo capítulo são abordadas as funções do profissional docente, refletindo-se a especificidade destas num contexto institucional em transição para a classificação como Escola Território Educativo de Intervenção Prioritária, abrangida no Programa Territórios TEIP, que exigiu uma adaptação ao nível da preparação das sessões letivas mas também na própria postura docente. Apesar de perante qualquer realidade escolar ser premente ter-se em consideração as características do contexto e as especificidades dos seus atores, a mudança de tipologia da própria Escola simultânea à realização do Estágio, exigiu um esforço no sentido de acompanhar as respostas qualificadas às necessidades reveladas pelo seu público. É no sentido deste novo perfil do contexto educativo, marcado pela aplicação de medidas especiais de promoção do sucesso educativo, de combate à indisciplina e ao abandono escolar, que se problematizam neste ponto as funções do docente. No terceiro capítulo elabora-se uma descrição, caracterização e fundamentação das atividades da área disciplinar da disciplina de Geografia. Aqui é apresentada a planificação elaborada para a disciplina, com o apoio da professora cooperante e do corpo docente da Universidade Portucalense, nomeadamente, o Coordenador da Área Científica.

No quarto e último capítulo, são apresentados e interpretados os dados resultantes da administração de um questionário aplicado aos alunos de turmas de 7º e 9º anos de escolaridade da professora cooperante, tendo como objetivo caracterizar o grupo de alunos que constitui a turma, assim como recolher indicadores sobre a perceção de alunos sobre as metodologias de ensino privilegiadas pelos professores.

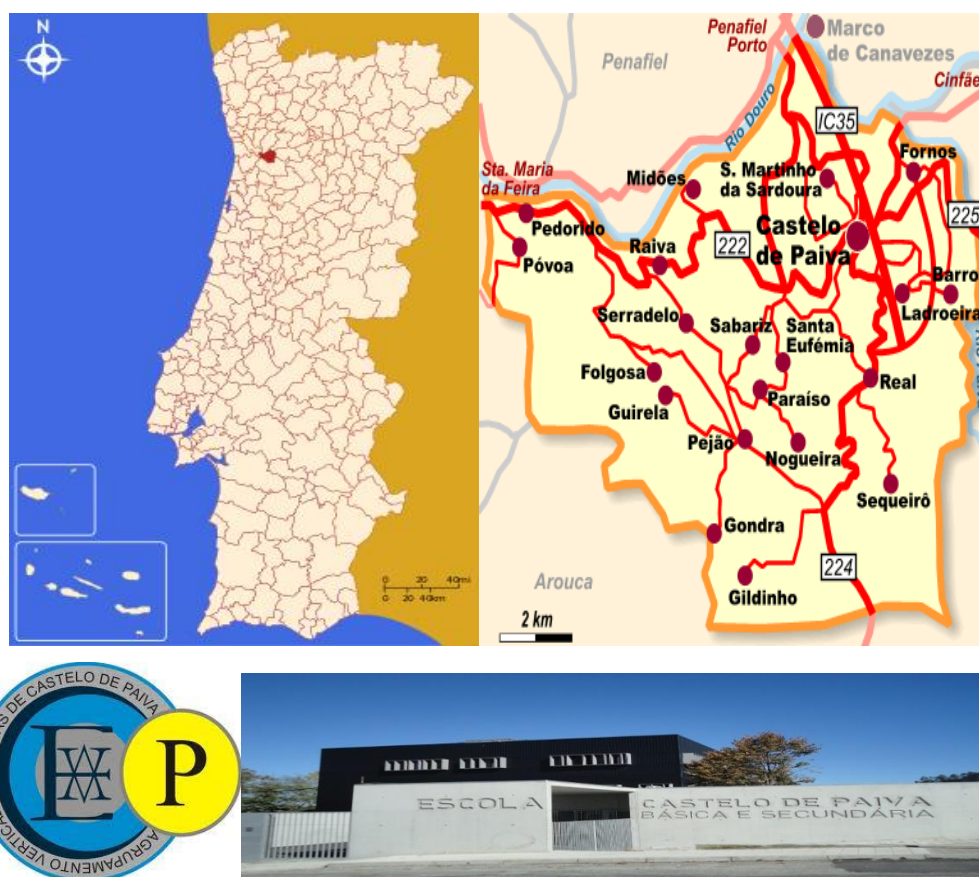
Por último, é apresentada uma breve reflexão sobre o crescimento profissional como professora, incluindo-se nesta uma autoavaliação e heteroavaliação sobre a prática pedagógica levada a cabo durante o estágio.

CAPÍTULO 1. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

1.1. Caracterização da instituição de acolhimento²

Como a própria designação indica, o Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva fica situado no concelho de Castelo de Paiva.

Figura 1 – Localização e Mapa do Concelho de Castelo de Paiva



Este Agrupamento subdivide-se pelo edifício da Escola Secundária, a Escola EB2/3 e por 12 escolas do 1.º Ciclo e doze Jardins de Infância, distribuídos pelas freguesias de Sobrado, Bairros, Fornos, Real, S. Martinho e Santa Maria de Sardoura. No Ano Letivo 2012/2013, o Agrupamento era constituído por 2335 crianças/alunos:

- 299 da educação Pré-Escolar;

² A autorização para identificação do Agrupamento de Escolas foi deferida em 2013. Todos os elementos presentes nesta caracterização reportam-se ao ano letivo 2012/2013 e foram recolhidos a partir da análise de vários documentos internos do Agrupamento, nomeadamente: Projeto Educativo, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades.

- 547 alunos distribuídos por 33 turmas do 1.º Ciclo;
- 909 alunos em 41 turmas do 2.º e 3.º Ciclos;
- 51 alunos integrados nos Cursos de Educação e Formação (Cuidados de Estética e Cabelo, Desenho Assistido por Computador e Eletricista de Instalações Elétricas).

Os alunos matriculados no ensino básico são maioritariamente de nacionalidade portuguesa, possuem computador com ligação à internet em casa e 874 beneficiam de apoios económicos, no âmbito da Ação Social Escolar. O ensino é garantido por 213 docentes, dos quais 129 pertencem há 10 anos ou mais aos quadros. O pessoal não docente é constituído por 68 trabalhadores, dos quais 53 são assistentes operacionais e 15 assistentes técnicos, verificando-se que todos têm contrato de função pública por tempo indeterminado, tendo grande parte destes dez ou mais anos de serviço.

A exploração do Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) permite identificar alguns traços a potenciar e outros marcadamente negativos a superar, que permitem caracterizá-lo. O PEA identifica como indicadores positivos³, por exemplo: a percentagem elevada de sucesso escolar no 1.º e 2.º Ciclo de escolaridade; o forte empenho do pessoal docente e pessoal não docente na superação de problemas e constrangimentos; as boas relações interpessoais, professor/aluno/professor fomentadoras de uma ação educativa favorável; a imagem positiva da escola quanto à segurança, desempenho dos serviços e o clima organizacional; a boa imagem que os docentes têm dos alunos; o elevado número de alunos que pretende prosseguir estudos de nível superior; a boa perceção que os alunos têm de si mesmos; a boa imagem que os alunos têm da Escola; e a forte expectativa dos pais/Encarregados de Educação quanto ao prosseguimento de estudos de nível superior pelos seus educandos. Como indicadores negativos, o PEA, identifica: a reduzida taxa de transição/aprovação, principalmente ao nível do 3.º Ciclo; baixos resultados escolares nas provas de avaliação externa, em particular no 9.º ano de escolaridade; existência de grandes desvios negativos nos resultados dos testes intermédios quando comparados com os resultados nacionais, destacando-se as disciplinas de Inglês, Matemática e Físico-Química; o elevado número de ocorrências disciplinares verificadas; a atitude inadequada dos discentes na sala de aula, o que condiciona um bom clima de aprendizagem; a desvalorização da Escola por parte de alunos e Encarregados de Educação; a fraca participação dos Encarregados de Educação nas

³ Incluem-se neste ponto sobre os indicadores positivos as potencialidades identificadas pelo PEA.

atividades de sensibilização/formação⁴; as dificuldades em efetivar a supervisão da prática letiva em sala de aula, enquanto processo de melhoria da qualidade do ensino e desenvolvimento profissional; a monitorização e avaliação do impacto das medidas adotadas no âmbito da melhoria do sucesso escolar⁵; relações interpessoais marcadas por algum alheamento em relação aos princípios da cidadania.

Paralelamente às características internas do Agrupamento, é importante focar um fator externo, inerente ao perfil das famílias dos alunos, que permite verificar que apenas um pequeno número destas é constituída por pais com formação académica superior, detendo a maioria formação ao nível do Ensino Secundário. Quanto à ligação com o mercado de trabalho, regista-se o facto de um elevado número de pais exercerem atividades profissionais às quais estão associados baixos níveis de qualificação.

1.2. Descrição das funções do profissional e do papel enquanto estudante de Prática Pedagógica na instituição

A Prática Pedagógica em contexto de escola, do Mestrado em Ensino de Geografia, do 3.º ciclo do Ensino Básico e Secundário, foi realizado no Ano Letivo 2012/2013 e, tal como já afirmado anteriormente, decorreu no Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva.

Do período de Estágio, conforme já referido, cabe destacar que a instituição sofria algumas alterações devido ao seu processo de transição para a tipologia Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). A implementação do Programa TEIP em várias escolas portuguesas mostrou-se necessária para dar uma resposta face às mudanças que a sociedade está a sofrer de forma tão expansiva, havendo a necessidade de repensar os fenómenos como a exclusão social e a exclusão escolar, já que o aumento de qualificações escolares não corresponde obrigatoriamente a uma solução que impeça a exclusão. Desta forma, pretende-se colmatar algumas lacunas através da aposta na criação de alguns instrumentos como o objetivo de enfrentar problemas como o abandono e o insucesso escolar em áreas geográficas

⁴ O Regulamento Interno que regula o Estatuto do Aluno, salienta a «responsabilidade dos pais e encarregados de educação» podendo ler-se aqui que «aos pais e encarregados de educação incube para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos».

⁵ Sempre se manifestaram movimentos de rejeição e insucesso escolar desde os primórdios da escola como instituição, pública ou privada. Não obstante, o problema tornou-se mais grave posteriormente à década de setenta. As causas de insucesso foram para vários investigadores da área da educação, e em especial para os psicólogos e sociólogos, objeto de vários estudos. Tornou-se desta forma percível de uma abordagem informal classificá-las em três grupos. São elas: as que se centram nos alunos como sujeito privilegiado da aprendizagem; as que se centram na instituição/escola, responsabilizando o sistema e os seus atores pelo sucesso ou insucesso e as que consideram que as influências sociais são determinantes para os resultados (Fernandes, 1991).

consideradas problemáticas, dada a convergência de populações socialmente excluídas.

Enquanto professora de História, e agora professora estagiária de Geografia, de acordo com o Estatuto da Carreira Docente e com o Regulamento Interno do Agrupamento, devemos orientar as funções docentes pelo rigor, pela isenção, pela justiça e da igualdade, visando sempre a qualidade no exercício das nossas funções, tendo flexibilidade para o constante aperfeiçoamento. O processo educativo deve ser pautado pela colaboração de todos intervenientes, favorecendo o desenvolvimento de relações de respeito e de reconhecimento, nomeadamente entre alunos, docentes, encarregados de educação e pessoal não docente. A atualização e o aperfeiçoamento deverão ser constantes, procurando atingir em conjunto a excelência em relação aos conhecimentos, capacidades e competências, sempre numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, de desenvolvimento pessoal e profissional. A preocupação da qualidade, da inovação e do desenvolvimento dos recursos didáctico-pedagógicos, deverá merecer da parte do docente um grande empenho e atenção para que estes sejam adequados ao público alvo; o docente deverá estar sempre atualizado. A reflexão sobre a sua prática pedagógica é outro aspeto que o docente deverá desenvolver para perceber se estará no percurso correto relativamente ao seu desempenho e à relação com os outros e com o meio.

No papel de professora estagiária, desempenhei na escola cooperante diferentes funções; cooperei da melhor forma possível, aliás era já um contexto ao qual estava familiarizada.

Todo o decorrer do estágio correu o melhor possível, desde as reuniões, as aulas assistidas, as atividades, trabalhei sempre com afinco.

O professor tem um importante papel na construção do SABER mas também do SER. Neste sentido, nas aulas utilizei sempre as estratégias e recursos que me pareceram mais adequadas aos alunos, ao meio e que estão inseridos e aos conteúdos a abordar. O meu objetivo principal, em cada aula, foi fornecer aos alunos ferramentas para que pudessem construir o conhecimento, desenvolvendo assim o seu espírito crítico.

Desta forma, o desenvolvimento profissional docente ocorrerá a partir de dentro da profissão, tal como referiu **Nóvoa (2009)**, e fará parte do quotidiano docente. O desenvolvimento profissional docente é um processo complexo, que pode ocorrer dentro e fora do contexto laboral (a escola), inicia-se na formação inicial mas deverá decorrer ao longo de toda a vida profissional. Segundo **Day (2001)**, “o desenvolvimento profissional envolve todas as

experiências espontâneas de aprendizagem e as atividades conscientemente planejadas, realizadas para benefício, direto ou indireto, do indivíduo, do grupo ou da escola e que contribuem, através destes, para a qualidade de educação na sala de aula. A escola, cada vez mais, e de acordo com **Alarção & Roldão (2008)**, deve afirmar-se como uma comunidade reflexiva e aprendente, capaz de criar condições de desenvolvimento e aprendizagem. A aprendizagem em contexto de trabalho combate o isolamento, torna a aprendizagem mais relevante para cada professor.

Enquanto professora estagiária, na minha prática profissional, procurei desenvolver as minhas capacidades de reflexão, de investigação, de autodireção, de colaboração e de inovação/criatividade, promovendo assim, o meu desenvolvimento profissional, fazendo com que seja cada vez mais uma profissional melhor.

CAPÍTULO 2. EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA

A NOSSA apresentação formal NA ESCOLA realizou-se no mês de Janeiro e conseqüentemente no dia 18 de Março efetivou-se a primeira reunião formal de estágio no agrupamento. Nessa primeira reunião conheci a professora cooperante de Geografia e definimos a elaboração do plano de estágio onde constam as aulas a assistir, lecionar os temas a abordar, etc.

Nesta fase foi-nos facultado alguns instrumentos reguladores da escola, como o Projeto educativo, Regulamento Interno, o Plano Anual de Atividades entre outros.

Foi indicado pela orientadora que na sala dos professores nomeadamente nos computadores da escola existe uma pasta onde é possível aceder a todos os documentos referentes à escola e às turmas, por conseguinte, sugeri que os consultássemos pois são de livre acesso e têm informações pertinentes sobre a turma sempre atualizada.

2.1. Cronograma de Atividades

Na tabela abaixo é possível verificar as aulas que foram lecionadas e as aulas que foram observadas durante o Estágio no Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva. É possível encontrar a indicação das:

- aulas lecionadas da disciplina de Geografia;
- Turmas, salas, horários e duração das aulas lecionadas;
- aulas assistidas da professora cooperante;
- aulas assistidas dos colegas;

Tabela 1 – Aulas Lecionadas e Observadas

Aulas Lecionadas					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Geografia	08/04/2013	09:10 – 09:55	23	45 m	Aula com o 9.º F
	15/04/2013	09:10 – 09:55	23	45 m	Aula com o 9.º F
	30/05/2013	09:10 – 09:55	20	45 m	Aula com o 7.º D

Aulas Observadas					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Professora Cooperante de Geografia	11/04/2013	10:10 – 10:55	20	45 m	7.º D
	18/04/2013	9:10 – 9:55	20	45 m	7.º D
	18/04/2013	10:10 – 10:55	17	45 m	10.º E
	24/04/2013	8:25 – 9:10	17	45 m	10.º E

2.2. Caracterização geral da Turma de Geografia do 9.º F

A Turma do 9.º F é constituída por 17 elementos do sexo feminino e 8 do sexo masculino num total de 25 alunos. No que diz respeito aos Apoios Sociais, 8 alunos estão integrados no Escalão A, enquanto 5 alunos no Escalão B. De um modo geral, os Encarregados de Educação dos alunos do 9.º F possuem baixa escolaridade. Na sua maior parte, as habilitações dos pais dos alunos resumem-se ao 4.º Ano de escolaridade ou o 6.º Ano, existindo apenas duas mães e um pai com formação académica de Nível Superior.

2.3. Problemas diagnosticados na Disciplina de Geografia da Turma do 9.º F

Na disciplina de Geografia, tendo em conta os resultados da avaliação, destacam-se, de um modo geral:

- as dificuldades relacionadas com a localização espaço e tempo; e
- as dificuldades encontradas ao nível da interpretação/compreensão e expressão escrita.

Segundo a professora torna-se fundamental trabalhar as dificuldades diagnosticadas ao nível da observação/análise de mapas bem como fomentar o trabalho escrito em contexto de sala de aula, quer no domínio da exposição de conteúdos, quer durante a realização de exercícios.

Esta turma inclui uma aluna com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Foi-lhe diagnosticado um atraso global de desenvolvimento com envolvimento particular da motricidade global e fina, assim como da linguagem. Esta aluna tem o acompanhamento de equipas multidisciplinares que a auxiliam no seu processo de aprendizagem. Neste caso particular, a aluna apresenta limitações significativas ao nível da atividade e participação tais como:

- na aprendizagem e aplicação do conhecimento;
- nas tarefas, exigências gerais e comunicação associadas a alterações funcionais e estruturais de carácter permanente.

A transmissão de informação sobre o perfil desta aluna, permitiu a planificação adequada da aula no item sobre a *diferenciação pedagógica*, reconhecendo-se a necessidade daquela de um maior apoio sistemático por parte da docente. Tendo em conta as aulas lecionadas na Disciplina de Geografia, todos os aspetos previstos no Plano de Estágio para a Disciplina em questão foram cumpridos, tendo mesmo sido possível assistir a mais duas aulas de Geografia do que as previstas inicialmente.

CAPITULO 3. DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia

Pretende-se que com o estudo da Geografia os jovens adquiram noções e conhecimentos relativos ao Homem, ao meio físico e ao meio social em que estão integrados e onde se pretende que sejam inseridos. O ensino da Geografia deverá conseguir explicar a realidade subjacente à perceção que os alunos têm do mundo atual, que deriva, em grande parte da informação disseminada pelos meios de comunicação social, através do desenvolvimento de capacidades que permitam uma integração efetiva na sociedade da informação e do conhecimento. Desta forma, a educação geográfica tem como objetivo a explicação da realidade social e ambiental, orientando o aluno para ser capaz de tomar decisões e resolver problemas na sociedade em que se pretende inserir. Logo, a Geografia deve promover a reflexão e o debate fundamentado nas constantes transformações económicas, sociais, culturais, ambientais e políticas de um mundo sob influência dos processos de globalização, em que o professor funcionou como mediador do processo de ensino-aprendizagem. No âmbito desta inter-relação, e em virtude dos processos inerentes às dinâmicas da disciplina, pretende-se que os alunos vão adquirindo hábitos de observação, registo e tratamento de informações, o que lhes permitirá o desenvolvimento de um pensamento progressivamente mais estruturado e de uma maior capacidade de abstração e raciocínio lógico.

O objetivo subjacente ao ensino da disciplina é possibilitar ao aluno a aquisição de um conjunto de conhecimentos relativos ao seu contexto espacial e temporal, quer no âmbito do território nacional, quer num contexto mais abrangente, no panorama mundial. Possibilita ainda o reconhecimento do património referente a Portugal e sua contextualização mundial junto de outros povos e nações. A disciplina promove, assim, o aprofundamento do conhecimento de lugares, regiões e territórios e a compreensão de mapas, fomentando a capacidade de resolução de problemas, tanto dentro como fora da sala de aula. As experiências de Estágio permitiram perceber que os conteúdos científicos da Geografia transmitidos em sala de aula são, frequentemente, abstratos, o que torna mais complexo o desempenho do papel do professor, pois são difíceis de explicar e de assimilar. Esta realidade contribui, em grande medida, para a desmotivação dos alunos face ao processo de ensino-aprendizagem.

3.2. Planificação e avaliação

No âmbito da experiência de ensino-aprendizagem, salientam-se alguns pontos como fundamentais ao desenvolvimento de uma estratégia dirigida e concertada para almejar o objetivo fundamental de todo o processo educativo:

- as dificuldades relacionadas com a localização espaço e tempo; e
- as dificuldades encontradas ao nível da interpretação/compreensão e expressão escrita.
- planificação da aula, conteúdos e dinâmicas a desenvolver;
- avaliação da aula (autoavaliação e heteroavaliação);
- importância pessoal para o desenvolvimento da prática pedagógica e crescimento pessoal e profissional;
- balanço final/reflexão;
- evidenciar questões que surjam no processo.

Qualquer que seja o objetivo proposto, a fase de planificação não é apenas necessária, mas sim imprescindível. Face à realidade que se irá trabalhar, importa identificar as necessidades específicas que permitem estruturar adequadamente os conteúdos a transmitir e delinear estratégias para os abordar, atendendo às competências e especificidades dos alunos da turma em questão. Apesar da importância reconhecida à planificação, esta não deverá ser estanque ou rígida, pois atendendo à natureza mutável da realidade humana com que se trabalha, é importante introduzir um cariz flexível, que permita repensar atividades e encontrar novos percursos para a prática pedagógica.

No âmbito do trabalho desenvolvido, reflexo do presente relatório, na preparação das aulas o foco principal centrou-se na procura da estratégia mais adequada para potenciar o alcance do conhecimento por parte dos alunos. Por outro lado, é importante que o professor os cativa, criando para isso um clima de confiança e segurança na sala de aula. Segundo **Nérici Imídeo (1983)** um clima de confiança e segurança facilita a comunicação entre professor e aluno, assim como possibilita que este último seja acompanhado nos momentos de dificuldades pessoais ou de ajustamento à sociedade e aos seus valores. Simultaneamente permite ao educando ser esclarecido e orientado perante o complexo campo do trabalho, da vocação e das próprias aspirações.

Tendo em mente esta premissa e, face à especificidade dos conteúdos abordados e da exigência inerente, nomeadamente em termos de abstração, foi privilegiado o recurso a estratégias de índole ativa, procurando manter um papel de

interação com os alunos, nomeadamente o recurso a *brainstorming* e debate de ideias. Estes permitiram criar um espaço aberto à participação, onde os mesmos puderam debater as suas afirmações, o que funcionou como um estímulo à própria aprendizagem. Esta realidade conduziu à criação de um ambiente de trabalho salutar e dinâmico, permitindo o envolvimento de todos os alunos e contribuindo para o aumento da sua motivação e interesse.

Além do recurso ao espaço aberto à participação e interação dos alunos, na dinamização das aulas foi usado como um meio facilitador o quadro da sala. Este serviu como suporte na clarificação de alguns conceitos e transmissão de conteúdos, tendo-se considerado particularmente útil para escrever palavras-chave, sínteses e esquemas. Esta mesma ideia é vigente na literatura: “o tradicional quadro negro pode tornar-se num mural que facilite as contribuições de todos e a discussão coletiva de opiniões e hipóteses colocadas” (Borràs, 2001, p. 149). As sínteses, esquemas e resumos, anteriormente referidos, foram considerados recursos de particular importância, já que facilitam a transmissão de alguns conteúdos, desde que elaborados e explorados com atenção, cuidado e rigor. Estes, nas palavras de Novak & Gowin (1984), aparecem para esclarecer as palavras e ideias chaves que os alunos devem dominar e focar sobre um conteúdo específico.

Paralelamente ao uso das metodologias já descritas anteriormente, a utilização mais tradicional do manual escolar foi um recurso útil e presente ao longo de todas as aulas na disciplina de Geografia, nomeadamente face à perceção de segurança que este garante aos alunos, aliada à congregação das temáticas a abordar. Além da utilidade já descrita e reconhecida às metodologias mais ativas e participativas, a literatura reconhece também que é importante valorizar e promover atividades que permitam o diálogo entre o docente e o educando, baseadas, por exemplo, na observação de imagens, na manipulação de objetos ou na participação em inquéritos orais simples (Borràs, 2001). Além do manual, o recurso a meios audiovisuais, mostrou-se importante na medida que possibilita explorar os recursos de acordo com a sua rentabilidade e funcionalidade, dada a sua eficácia pedagógica. Através do seu uso é possível transpor para a sala de aula o que de outra forma seria impossível observar. Da experiência de contacto direto com este tipo de recursos, foi possível aferir que o uso deste tipo de estratégias, nomeadamente o *Microsoft PowerPoint®*, suscitam interesse nos alunos, contribuindo para uma maior motivação e predisposição para o conhecimento.

O balanço do período do Estágio na área do ensino da Geografia foi bastante positivo. As aulas lecionadas decorreram dentro da normalidade, tendo sido evidentes

comportamentos em que foi possível aferir que os alunos estavam focados no que estava a ser tratado. Um dos indicadores desta realidade foi a elevada participação que mantiveram no decorrer das aulas dinamizadas, quer por iniciativa própria, quer ao nível da participação nas tarefas propostas. Considera-se que o contributo de recursos diversificados a nível das metodologias, a par do uso de métodos e técnicas mais ativas foram fatores importantes para este resultado.

De uma forma geral, as aulas decorreram de acordo com as expectativas iniciais, ainda que com necessários reajustes. A transição da fase de planificação para a fase da dinamização da aula propriamente dita, foi influenciada pelo fator da nova experiência, que pela inexistência de situações análogas de comparação com experiência prévia, cria forçosamente um maior desconforto face à situação vivida. Em situações futuras, revela-se, por isso, necessária uma maior reflexão face à forma de adaptação das dinâmicas à realidade, nomeadamente atendendo ao grupo turma com que se trabalha, competência reforçada com o aumento da prática letiva. O objetivo é assim, ir, tanto quanto possível, ao encontro das idiosincrasias de cada elemento/grupo, potenciando competências existentes e favorecendo o desenvolvimento daquelas áreas em que são identificadas maiores carências.

Apesar de algumas reticências iniciais relativamente ao uso excessivo do manual, com a evolução e progressão no período de Estágio na área do ensino da Geografia esse receio inicial foi-se desvanecendo, considerando-o como um recurso adequado e com resultados positivos, nomeadamente aliado a outros meios e estratégias pedagógicas complementares. Ao nível da gestão do tempo e espaço da sala de aula o balanço pessoal é positivo, na medida em que as dinâmicas foram desenvolvidas no momento e espaço planeados inicialmente. Considera-se, por isso, que o período de estágio constituiu um momento de evolução e crescimento, tanto a nível pessoal como a nível profissional.

Para as aulas assistidas de Geografia, foram elaboradas três planificações para lecionar três aulas de 45 minutos cada. Os temas das aulas foram: *Obstáculos e Soluções para Atenuar Desigualdades, Ambiente e Sociedade e Meio Natural e Dinâmica do Litoral* (primeira, segunda e terceira aula, respetivamente). Durante a prática pedagógica foram utilizados os manuais adotados pela Escola, o de 7.º Ano, *GPS*, e o de 9.º Ano, *Viagens Geografia*, sendo entendidas como as melhores ferramentas no sentido da orientação do estudo e suportes para as aulas.

Na reunião de pré-observação de aula, efetuada com a professora cooperante, foi possível reformular alguns aspetos da planificação inicial de forma a obter a planificação mais eficiente. A estrutura da planificação procurou ser clara, objetiva e

adequada às características da Turma, tendo sido fundamental o auxílio da Professora Cooperante para a sua estruturação, encarando o aluno como centro do processo educacional. A planificação das aulas teve em consideração as fragilidades e potencialidades do grupo-Turma, tendo sido dividida em componentes, de forma a proporcionar uma melhor orientação para a gestão das sessões letivas. Em relação à avaliação das aprendizagens, foi aplicada uma Ficha de Trabalho que serviu também como instrumento para a consolidação dos conhecimentos, através do seu preenchimento e da sua correção.

Através das diferentes experiências de ensino-aprendizagem pretendeu-se observar as formas como os alunos desenvolvem a competência de saber pensar o espaço e de atuar no meio em que vivem, nomeadamente através:

- mobilização dos diferentes saberes (culturais, científicos, tecnológicos) para compreender a realidade, explorando a dimensão conceptual e instrumental do conhecimento geográfico, no estudo de situações concretas, de modo a conhecer Mundo;
- utilização de diferentes tipos de linguagem, como textos, quadros, mapas, gráficos, fotografias e videogramas, como forma de recolher, analisar e comunicar a informação geográfica;
- adoção de metodologias de trabalho adequadas à escala de análise e à diversidade dos fenómenos geográficos em estudo;
- pesquisa, seleção e organização da informação geográfica necessária à análise e compreensão de problemas concretos do Mundo;
- realização de atividades de forma autónoma e criativa, como simulações, jogos, estudo de situações concretas, mobilizando os conhecimentos geográficos.
- cooperação com os outros em projetos e trabalhos comuns, realizando atividades em grupo, discutindo diferentes pontos de vista, refletindo sobre a experiência individual e a perceção que cada um tem da realidade, de modo a compreender a relatividade do conhecimento geográfico do mundo real.

Na disciplina de Geografia procurou-se apoiar o desenvolvimento de competências específicas da Geografia, no sentido do desenvolvimento de uma literacia geográfica a partir de vários domínios, definidos para o 3.º Ciclo, nomeadamente:

Localização	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comparar representações diversas da Terra, utilizando o conceito de escala. ▪ Ler globos, mapas e plantas de várias escalas, utilizando a legenda, a escala e as coordenadas geográficas. ▪ Localizar Portugal e a Europa no Mundo, completando e construindo mapas. ▪ Localizar lugares utilizando plantas e mapas de escalas diferentes.
--------------------	---

O dinamismo das inter-relações entre espaços	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Interpretar, analisar e problematizar as inter-relações entre fenómenos naturais e humanos evidenciadas em trabalhos realizados, formulando conclusões e apresentando-as em descrições escritas e ou orais simples e ou material audiovisual. ▪ Refletir sobre a qualidade ambiental do lugar/região, sugerindo ações concretas e viáveis que melhorem a qualidade ambiental desses espaços.
---	---

O conhecimento dos lugares e regiões	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utilizar vocabulário geográfico em descrições orais e ou escritas de lugares, regiões e distribuições de fenómenos geográficos. ▪ Formular e responder questões geográficas (...) utilizando atlas, fotografias aéreas, bases de dados, cd-rom e internet. ▪ Discutir aspetos geográficos dos lugares/regiões/assuntos em estudo, recorrendo a programas de televisão, filmes, videogramas, notícias da imprensa escrita, livros e enciclopédias. ▪ Realizar pesquisas documentais sobre a distribuição irregular dos fenómenos naturais e humanos em estudo a nível nacional, europeu e mundial, utilizando um conjunto de recursos que incluem material audiovisual, cd-rom, internet, notícias da imprensa escrita, gráficos e quadros de dados estatísticos. ▪ Selecionar e utilizar técnicas gráficas, tratando a informação geográfica de forma clara e adequada em gráficos (...), mapas (...) e diagramas. ▪ Problematicar as situações evidenciadas em trabalhos realizados, formulando conclusões e apresentando-as em descrições escritas e/ou orais simples e ou material audiovisual.
---	---

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Interpretar, analisar e problematizar as inter-relações entre fenómenos naturais e humanos evidenciadas em trabalhos
--	--

O dinamismo das inter-relações entre espaços	realizados, formulando conclusões e apresentando-as em descrições escritas e ou orais simples e ou material audiovisual. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Refletir sobre a qualidade ambiental do lugar/região, sugerindo ações concretas e viáveis que melhorem a qualidade ambiental desses espaços.
---	---

Fonte: Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica (s/d). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação. Pág. 122-123.

3.3. Descrição das aulas lecionadas

3.3.1. Primeira aula

A primeira aula lecionada durante o período do Estágio na área do ensino da Geografia, foi no dia 8 de abril de 2013, numa Turma do 9.º Ano. Esta aula foi iniciada com a chamada dos alunos, o que permitiu um primeiro contacto com a Turma e com cada um dos seus elementos, iniciando o processo de desenvolvimento do conhecimento sobre estes. De seguida fez-se uma breve revisão, através de um *brainstorming*, dos conteúdos lecionados na aula anterior de forma a perceber indicadores sobre os conhecimentos desenvolvidos e domínio dos assuntos abordados. O objetivo da utilização desta técnica é estimular a criatividade e a memorização através de esquemas de pensamento (Osborn, 1959, cit. por Cardoso, 2013). A formulação de questões é fundamental para o desenvolvimento do raciocínio, do pensamento crítico e criativo (Jesus, 1987; Souza, 2006, cit. por Moreira, 2012), logo deve ter-se em consideração o desenvolvimento da capacidade de questionar, devendo o professor contribuir para este processo. No sentido da consideração anterior, reconhece-se que o professor deve ter consciência do seu papel no desenvolvimento da capacidade de ensinar a questionar e a responder. Desta forma, os alunos desenvolverão uma maior capacidade de aprendizagem e raciocínio, tornando-se mais críticos. Esta estratégia pedagógica contribui para um ensino construtor do pensamento individual, da autonomia e da responsabilidade, responsáveis por uma verdadeira cidadania (Almeida, 2007, cit. por Moreira, 2012). Nesta primeira aula foi utilizada uma apresentação elaborada através do *Microsoft PowerPoint®*, entendida como um instrumento importante, muito atrativa e com um poder dinamizador importante no processo de ensino-aprendizagem.

3.3.2. Segunda aula

A segunda aula decorreu no dia 15 de Abril de 2013, com a mesma Turma do 9.º Ano, tendo-se abordado o tema *Ambiente e Sociedade*. Nesta aula começou-se por colocar questões relativas ao tema de modo a verificar o conhecimento da Turma sobre o mesmo. A Turma respondeu de forma muito positiva, manifestando interesse e algumas preocupações. Feita a introdução à aula e ao tema, foi apresentada uma nova apresentação elaborada através do *Microsoft PowerPoint®*, composta pelos conteúdos a serem abordados, servindo para dinamizar a sua exploração e o debate sobre os mesmos. Mais tarde, para uma maior sensibilização e mobilização em relação à abordagem sobre o tema, visionou-se um curto filme com imagens sobre a realidade, que funcionou no sentido de incentivar a reflexividade e induzir a responsabilização dos alunos por atitudes ambientalmente corretas. Após a visualização do filme, debateram-se algumas ideias e passou-se à realização de uma ficha de trabalho sobre o tema que foi corrigida pela professora cooperante na aula seguinte. Esta informou que se verificou a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos e, de forma geral, o interesse pelo tema abordado.

3.3.3. Terceira aula

A terceira aula foi lecionada no dia 30 de Maio, com uma Turma do 7.º Ano. Esta foi proposta pela Professora Cooperante, com o objetivo de confirmar e consolidar os indicadores já apreendidos para a atribuição da classificação. Daí a sugestão da participação junto de uma Turma diferente. Esta proposta foi encarada como um desafio, sendo aceite, tendo-se procedido de imediato à sua marcação e definição do tema a abordar: *Meio Natural: Dinâmica Litoral*. A planificação foi realizada, mais uma vez, tendo em vista o desenvolvimento de uma aula dinâmica e o tratamento dos conteúdos de forma clara e concisa. A aula foi iniciada com a chamada, de forma a estabelecer um primeiro contacto com a Turma e os seus elementos. Mais tarde foi realizado um *brainstorming* para aferir os conhecimentos pré-adquiridos, ao qual a Turma respondeu de forma muito positiva.

O manual foi utilizado como principal ferramenta para esta aula, uma vez que continha imagens bastante elucidativas sobre o tema a abordar. Outra razão que justifica a utilização do manual como ferramenta essencial está ligada à perceção sobre a segurança transmitida pelos alunos do 7.º Ano quando estes se apercebem que a aula segue a estrutura daquele recurso. Finalizada a exposição de conhecimentos, com a análise de imagens e textos, assim como com a transmissão de outras informações de apoio, foi distribuída uma ficha de trabalho para a avaliação e

consolidação de conhecimentos. Mais uma vez foram apreendidos indicadores de que o objetivo foi cumprido, tendo a aula decorrido de forma satisfatória.

3.4. Participação na escola e relação com a comunidade

Na primeira deslocação à Escola Secundária de Castelo de Paiva, os sentimentos predominantes foram a alegria e emoção, visto ter sido esta a Escola onde estudei do 7.º ao 12.º Ano e onde lecionei no ano letivo 2010/2011, representando um regresso ao passado e às memórias que construíram o presente e projetam o futuro. O ambiente e algumas pessoas que fazem parte da instituição fizeram recordar, ou seja, viver, momentos muito felizes e trespassar um sentimento de acolhimento e conforto. A integração estava assim facilitada, tal como se afirmava paralelamente a indução da responsabilidade por um trabalho necessariamente de qualidade. A Professora Cooperante apresentou o espaço onde se guardavam os materiais que podiam ser necessários, assim como apresentou alguns colegas e a Direção cujos alguns dos membros já eram conhecidos.

Foi apresentado o Plano de Atividades do Departamento de Ciências Sociais e Humanas e foi-me dirigido o convite para fazer parte da organização de um *peddy paper* em que os temas estavam relacionados com a Disciplina de Geografia dos diferentes anos. Tendo em consideração o interesse da atividade, o desafio foi aceite, assumindo a responsabilidade pela distribuição dos mapas pelas paredes, orientação dos participantes e controlo das respostas das diferentes equipas. Esta atividade desempenhou um papel fundamental na integração no Grupo de Geografia, reforçada com a presença e participação nas reuniões de Grupo, de Secção e de Conselho de Turma da Professora Cooperante. Devido a já ter experiência na lecionação da Disciplina de História, os assuntos tratados nas referidas reuniões não representaram novidades. Nas reuniões constatou-se o grau de dificuldade dos alunos relativamente à disciplina de Geografia, ficando ainda com mais vontade de realizar este projeto de modo a fazer parte de uma equipa de professores que combatem estas dificuldades.

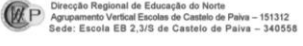
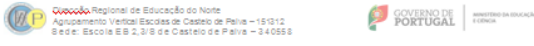
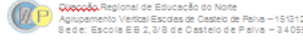
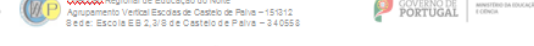
CAPITULO 4. REFLEXÃO CRÍTICA FUNDAMENTADA SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS

4.1. Avaliação sumativa

Foram assistidas 4 aulas, tendo sido a última sugerida pela professora cooperante, como forma de sustentar melhor a classificação. A primeira aula assistida realizou-se com a turma do 9.º ano, turma F, tendo sido abordados conteúdos sobre os "Obstáculos e soluções para atenuar as desigualdades". A aula teve como questão central a identificação das soluções-chave para atenuar as desigualdades consoante o seu contexto, tendo sido abordadas as Organizações Não-Governamentais, nomeadamente a Organização das Nações Unidas. Na segunda aula, com a mesma turma, foi abordado o tema da relação entre "O ambiente e a sociedade", onde foi tratada a questão do reconhecimento do aumento do efeito de estufa e das consequências, por exemplo, o aquecimento global. A terceira aula foi desenvolvida com o 7.º ano turma D, onde foi focado o "Meio natural: dinâmica do litoral". A questão central esteve ligada com o reconhecimento diferentes tipos de costa e respetiva origem.

Sobre as duas primeiras aulas assistidas foi realizada uma ficha para consolidação de conhecimentos e avaliação da aquisição/aplicação dos mesmos. Em relação à terceira aula, com a turma do 7.º ano, a professora cooperante aconselhou a realização e correção de questões do manual adotado, destacando a importância da análise interpretação destes instrumentos de trabalho. O aconselhamento da professora cooperante foi determinante na centralidade que foi atribuída ao manual enquanto recurso para o ensino-aprendizagem. Em relação à avaliação, seguindo a indicação da professora cooperante, uma vez que realizei sempre atividades com os alunos em cada uma das aulas, podendo aferir com estas a sua aquisição de conhecimentos, e já tinha realizado uma profissionalização que permitiu a familiarização com a avaliação através de testes, considerou-se desnecessária a sua aplicação e respetiva correção. A avaliação foi realizada na aula através da verificação de conhecimentos.

Figura 2 – Fichas de trabalho desenvolvidas com a turma do 9.º ano

 <p style="text-align: center;">Ficha de Trabalho – 9º Ano</p> <p>Nome: _____ nº _____ Turma: _____</p> <p style="text-align: center;">Tema: Ambiente e sociedade</p> <p>1. Diz qual a importância das atividades humanas nas alterações climáticas.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>2. Refere algumas das consequências das alterações climáticas para a vida.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>3. Indica os principais gases do efeito de estufa.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>4. Explica por palavras tuas em que consiste o efeito de estufa.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>5. A situação ambiental atual preocupa-te? Justifica a tua resposta.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>6. Indica quatro medidas que possas colocar em prática para ajudares o ambiente.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	 <p style="text-align: center;">Ficha de Trabalho – 9º Ano</p> <p>Nome: _____ nº _____ Turma: _____</p> <p style="text-align: center;">Tema: A Organização das Nações Unidas (ONU)</p> <p>1. Indica o nome do presidente da ONU.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>2. Indica a data e o local da fundação da ONU.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>3. Menciona os objetivos da ONU.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>4. Refere algumas áreas em que a ONU presta apoio.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>5. Indica os dois organismos/ programas ou fundos da ONU que consideras mais importantes.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>6. Justifica a resposta da questão anterior.</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
 <p>7. Diz o que entendes por ONG.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>8. Indica o papel das ONG.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	 <p style="text-align: center;">Correção da Ficha de Trabalho</p> <p style="text-align: center;">Tema: A Organização das Nações Unidas (ONU) – (correção)</p> <p>1. O nome do presidente da ONU é Ban Ki-moon é de nacionalidade sul coreana.</p> <p>2. A ONU foi fundada a 24 de outubro de 1945 na cidade S. Francisco.</p> <p>3. A ONU tem como principais objetivos a manutenção da paz no mundo, a cooperação económica, social e humana assim como a promoção e respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais.</p> <p>4. A sede da ONU está situada em Nova Iorque nos Estados Unidos da América.</p> <p>5. Resposta livre.</p> <p>6. Resposta livre de fundamentação crítica relativamente à questão número 5.</p> <p>7. As ONG são organizações não governamentais, sem fundos lucrativos, independentes do Estado</p> <p>8. O papel das ONG, consiste em promover o respeito pelos direitos humanos, contribuir para solucionar problemas económicos, sociais e ambientais. Contam com a participação de voluntários e donativos para poderem intervir nas suas áreas de atuação.</p>

Bom Trabalho ☺

4.2. Investigação realizada no âmbito das metodologias no ensino da Geografia

No âmbito do trabalho relativo ao presente período de Estágio, foi levada a cabo uma investigação relacionada com as metodologias no ensino da Geografia. Esta partiu de um trabalho desenvolvido por uma equipa de investigadores do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense que construiu um questionário. Este foi posteriormente analisado e debatido com os alunos do Mestrado em Ensino de História e da Geografia (3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário) e que tinha como principais objetivos de investigação:

- aferir quais as metodologias de ensino que os alunos afirmam que o professor de Geografia mais utiliza em contexto de sala de aula;
- identificar os temas de Geografia preferidos pelos alunos;
- averiguar se os alunos gostam ou não da disciplina de Geografia e quais as razões subjacentes a esse gosto ou não;
- identificar quais as tecnologias de informação e comunicação mais utilizadas pelos professores em contexto de sala de aula.

O recurso ao questionário é reconhecido pela literatura como sendo um instrumento de observação, apoiado numa sequência de questões escritas dirigidas a um conjunto de indivíduos, envolvendo as suas opiniões, representações, crenças e informações factuais, sobre si e sobre o meio (Quivy & Campenhoudt, 1992).

4.3. Caracterização dos participantes no estudo

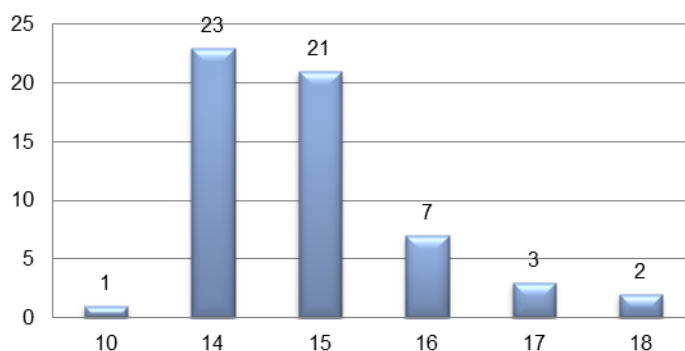
Atendendo aos objetivos da investigação referida, o questionário construído pela equipa de investigadores do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense foi aplicado nas turmas do 7.º D e 9.º F, da professora cooperante da disciplina de Geografia. Neste sentido, a amostra foi selecionada por conveniência, já que eram estes os alunos com quem a professora estagiária tinha mais contacto e acesso mais facilitado. Foram aplicados 57 questionários de resposta individual, distribuídos de forma direta aos alunos dessas mesmas turmas, procurando aferir áreas de interesse relativamente à disciplina de Geografia, bem como a caracterização das tecnologias de informação e comunicação que os alunos afirmam ser mais utilizadas pelos professores.

4.4. Análise de dados

4.4.1. Caracterização social, económica e cultural dos alunos

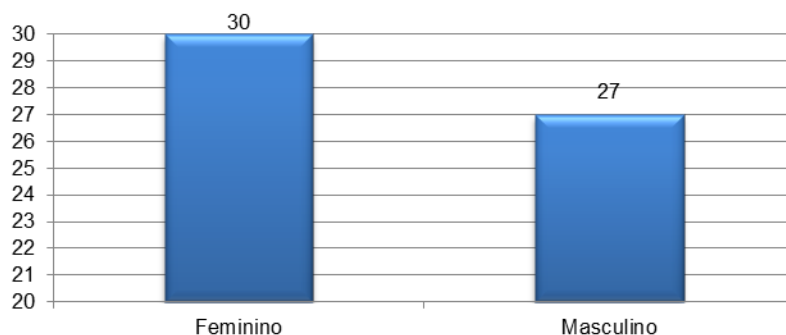
No que diz respeito à caracterização etária da amostra, verifica-se que as idades dos alunos oscilam entre os 10 e os 18 anos (cf. Gráfico 1 – Idades dos alunos). Contudo, a maior expressividade encontra-se nas idades dos 14 e 15 anos, uma vez que a maioria dos respondentes da amostra analisada se situa nesta faixa etária (um total de 44 alunos - 23 alunos têm 14 anos, 21 têm 15 anos). Segue-se a faixa etária dos 16 anos (apresentada por 7 alunos), e seguidamente as dos 17, 18 e 10 anos, respetivamente com 3, 2 e 1 aluno a encontrar-se nessas faixas etárias.

Gráfico 20 – Idades dos Alunos



Relativamente à distribuição da amostra por sexo dos, verificou-se uma ligeira predominância do sexo feminino, já que, dos 57 inquiridos, 30 pertencem ao sexo feminino e 27 ao sexo masculino, tal como apresentado no Gráfico 2.

Gráfico 21 – Sexo dos Alunos



No sentido de melhor compreender a realidade dos inquiridos e o seu contexto, fora da realidade da escola, questionaram-se também aspetos inerentes ao seu enquadramento familiar. Face aos resultados, apresentados na Tabela 2, foi possível aferir que a maioria dos inquiridos vive com a família nuclear: com os pais e os irmãos ou, na inexistência destes, apenas com os pais. Esta é tipologia de família (constituída por dois adultos de sexo diferente e os respetivos filhos) é o modelo familiar mais presente referido na literatura (Alarcão, 2000), e também o mais encontrado no âmbito da amostra estudada. Refira-se, contudo, que as novas formas de família surgem de forma cada vez mais frequente e também na amostra em estudo foi possível identificar essas diversas formas familiares. Verificou-se que a totalidade dos indivíduos vive, pelo menos, com um dos progenitores, existindo na maior parte dos casos a presença de três ou mais pessoas no agregado. Em alguns casos, ainda que uma minoria, verifica-se a existência de outros elementos da família alargada (caso dos avós ou sobrinhos).

As novas formas de família, oriundas de situações de viuvez, divórcio, ou da própria opção dos progenitores (Alarcão, 2000, 2007) estão também presentes na amostra em estudo, quer sob a forma de famílias monoparentais (2 alunos que residem apenas com a mãe), quer sob a forma de famílias reconstituídas (caso de um aluno que vive com a mãe, o padrasto e os irmãos). Alarcão (2000; 2007) salienta que as diferentes conceções que temos do que é (ou do que pode ser) uma família implicam a compreensão das suas configurações, funções primordiais e tarefas desenvolvimentais. Precisamente nesta linha de pensamento, as diferentes configurações familiares acarretam distintas rotinas, rituais e tarefas que lhes possam estar associadas. É natural, por isso, que entre uma família monoparental ou uma família reconstituída ou até mesmo uma família nuclear existam diferenças nesses mesmos padrões.

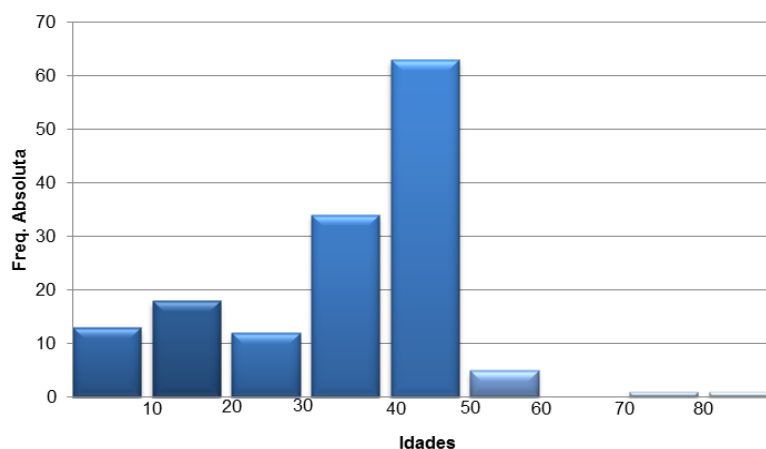
Tabela 2 – Composição do Agregado Familiar

	Pai e mãe	19
	Pai, mãe e irmãos	28
Cada	Pai, mãe e avó	2
	Pai, mãe, irmão e avó	1
	Mãe, padrasto e irmãos	1
	Mãe e irmãos	3
	Mãe, irmã e sobrinho	1
	Mãe	2

elemento (ou subsistema familiar) cria com os restantes diferentes relações e inter-relações, passíveis de alterar (e ser alteradas por) todo o sistema familiar (Relvas & Alarcão, 2007). Estas diferenças acarretam outras para a dinâmica da família, assim como para a dos seus indivíduos, nomeadamente para os filhos.

Relativamente às idades dos diversos elementos que constituem o agregado familiar dos inquiridos, verificou-se que a maioria dos casos identificados (63 elementos dos diversos agregados familiares) se situam na faixa etária dos 40 aos 50 anos, e 34 elementos têm entre os 30 e os 40 anos. Esta realidade coaduna-se com a caracterização do agregado familiar anteriormente referida, dado que a maioria dos inquiridos referiu residir com os pais. Seguidamente, como mais frequente, encontra-se a faixa etária dos 10 aos 20 anos e de forma sensivelmente equivalente a faixa etária dos 0 até aos 10 anos e dos 20 até aos 30 anos.

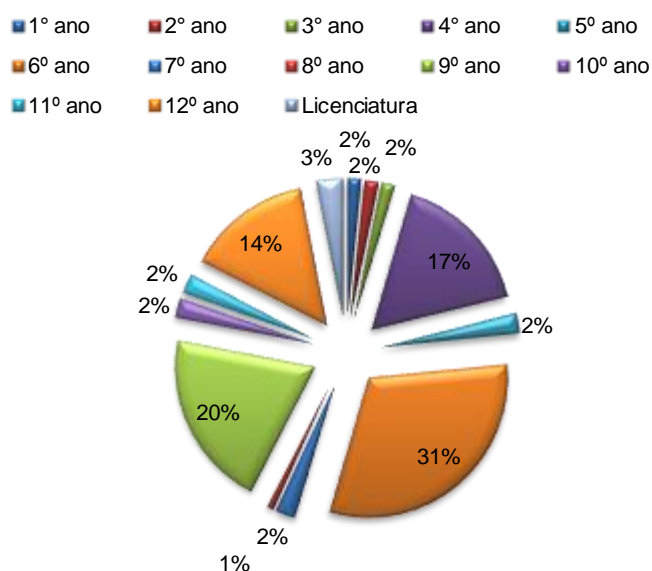
Gráfico 22 – Idades dos elementos quem compõe o agregado familiar



Ao nível das habilitações literárias dos pais dos alunos a quem o questionário foi aplicado, verificou-se que a maior parte dos pais tem habilitações literárias ao nível do 2.º Ciclo (31% têm o 6.º Ano), e do 3.º Ciclo de escolaridade (20% dos pais concluíram o 9.º Ano de escolaridade). Também significativa é a percentagem de pais que concluiu o 4.º ano de escolaridade (17%), e o 12.º Ano (14%). Considerando que a escolaridade dos alunos se situa ao nível do 3.º Ciclo, conclui-se que a maior parte dos pais possui habilitações literárias de um nível igual ou inferior às que são frequentadas pelos filhos, respondentes deste inquérito. Apenas 3% dos pais dos alunos respondentes possuem um curso superior (*cf.* Gráfico 4). Este dado é

coincidente com a tendência nacional. Em 2013, segundo dados do PORDATA⁶, a maior parte da população portuguesa ativa tinha habilitações literárias completas ao nível do 3º ciclo, sendo que apenas cerca de 20% tinha habilitações de nível superior. No caso da amostra aqui estudada, apenas 3% dos pais dos alunos respondentes ao questionário possuem um curso superior.

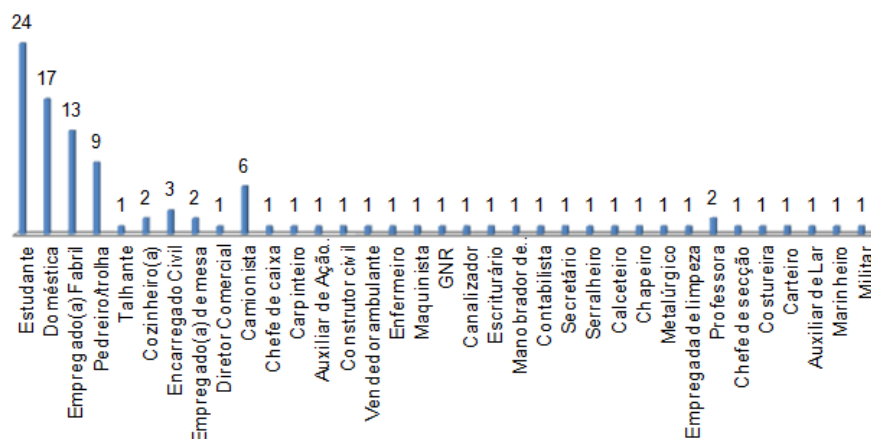
Gráfico 4 – Habilitações literárias dos pais dos alunos



Ao nível das profissões dos elementos do agregado familiar, a distribuição é feita por diversas áreas (cf. Gráfico 5). Contudo, na maioria dos casos, a ocupação laboral é a de estudante, dado que se compreende atendendo ao número de alunos que identificou residir com irmãos (presumivelmente em idade escolar). No caso dos progenitores ou outros elementos do agregado familiar, as ocupações laborais referem-se essencialmente a áreas relacionadas com áreas fabris (33) e trabalhadoras domésticas (17).

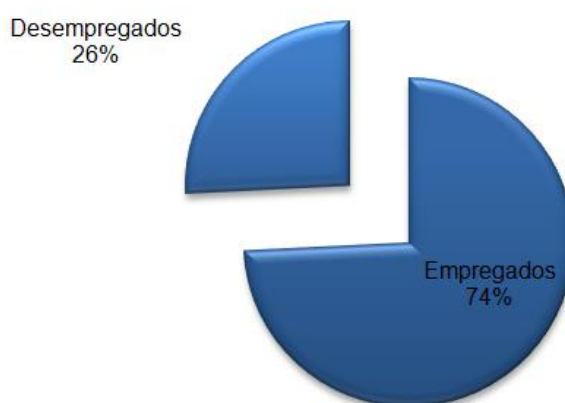
Gráfico 5 – Profissões dos elementos do agregado familiar

⁶ www.pordata.pt, acesso em 24 de Novembro de 2014.



Relativamente à situação face ao emprego, verificou-se que no universo total de alunos inquiridos, 74% dos elementos dos diversos agregados familiares estão empregados e 26% encontram-se em situação de desemprego (cf. Gráfico 6). Os dados referentes à amostra estudada na presente investigação coadunam-se com a realidade presente em Portugal; segundo dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), a taxa de desemprego em Portugal rondava os 13%, no terceiro trimestre de 2014⁷.

Gráfico 6 – Situação face ao emprego



⁷ www.iefp.pt, acesso em 24 de Novembro de 2014.

4.4.2. Caracterização escolar dos alunos

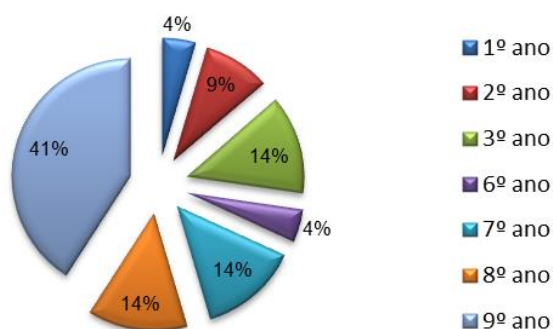
No âmbito do questionário desenvolvido pela equipa de investigadores do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense, um dos objetivos prendia-se com recolha de informação relativa ao contexto das aulas de Geografia, preferências dos alunos e recursos, que os inquiridos afirmam serem mais usados pelos professores. Desta forma, além da caracterização sociodemográfica parte do questionário dizia respeito à recolha de informação neste âmbito. Procurou-se, primeiramente, conhecer o perfil do aluno em termos e sucesso escolar e número de retenções. Na amostra recolhida, 64% dos alunos nunca ficou retido, tendo 36% respondido que já foi retido ao longo do percurso escolar (cf. Gráfico 7).

Gráfico 23 – Retenção dos alunos



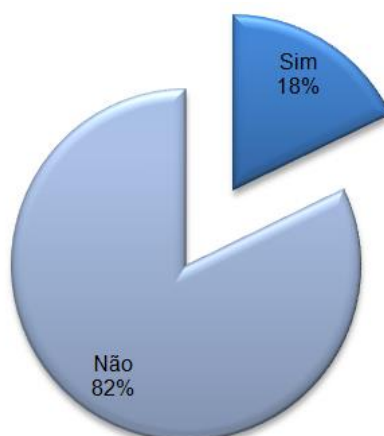
Além do número de retenções, importa analisar em que fase do percurso escolar do aluno elas ocorrem. Concluiu-se, de acordo com os dados recolhidos, que a maioria das retenções dos alunos da amostra analisada ocorreu no 9.º Ano de escolaridade (em 41% dos casos dos respondentes). Os anos escolares com maior incidência de reprovações, além do que já foi referido, são o 3.º, 7.º e 8.º anos de escolaridade, todos com 14% das ocorrências de reprovação identificadas. Verifica-se assim que 69% de todas as retenções identificadas ao longo do percurso escolar destes alunos ocorreu no 3.º Ciclo de escolaridade.

Gráfico 24 – Anos de retenção



Pretendia-se, com a presente investigação, aferir qual o perfil dos alunos relativamente à disciplina de Geografia, assim como as suas preferências face a esta disciplina. Relativamente aos hábitos de estudo face à disciplina, quando se questiona os alunos sobre se “estudam Geografia todos os dias?”, a grande maioria refere que não (82%), e apenas 18% dos inquiridos referem que sim (Cf. Gráfico 9).

Gráfico 25 – Estudam Geografia todos os dias

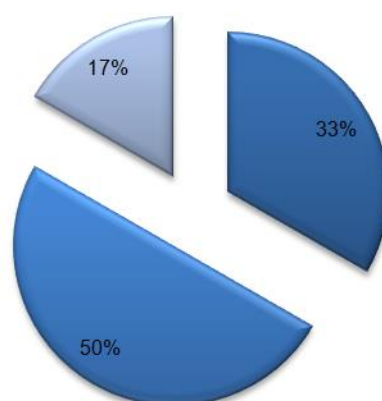


Além dos hábitos de estudo (face à frequência) a presente investigação pretendeu ainda retratar quanto tempo os alunos dedicam, em média, com o estudo da disciplina de Geografia. Na amostra total de inquiridos, metade (50%) refere estudar entre 30 minutos a 1 hora por dia; 33% dos respondentes diz estudar até 30 minutos por dia e 17% relata estudar Geografia mais de uma hora por dia (Cf. Gráfico 10). No processo de aprendizagem e para se ensinar os alunos a aprender é necessário fomentar

competências e estratégias de aprendizagem (leitura, estudo), a par de orientações motivacionais (Silva & Sá, 1997). O desenvolvimento dos métodos de estudo implicam quer o treino de competências específicas, quer o desenvolvimento motivacional, já que um destes aspetos sem o outro não produz o seu efeito.

Gráfico 26 – Tempo diário de estudo para Geografia

■ 0 a 30 min. ■ 30 min. a 1 hora ■ 1 hora a 2 horas



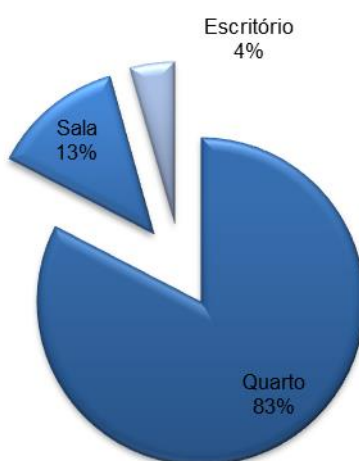
O local de estudo é outra das variáveis importantes a ter em conta relativamente à caracterização feita no presente trabalho. Silva e Sá (1997) salientam que as estratégias de aprendizagem passam pela adoção de estratégias cognitivas (saber pensar, saber fazer e saber pensar), aliadas às estratégias metacognitivas (ter consciência do que sabe e do que faz, e ter a capacidade de autorregular esse saber e saber fazer). O trabalho destas autoras analisou diferentes metodologias e estratégias de estudo, promovendo a implementação de um programa que visou trabalhar competências de estudo e autorregulação das aprendizagens. No Gráfico 11 é possível verificar a distribuição das respostas relativamente ao local eleito para o estudo - verifica-se que na maior parte dos casos, os alunos estudam em casa (77%).

Gráfico 27 – Estudos habitualmente em casa?



No que diz respeito ao local (divisão) preferida para levar a cabo as tarefas escolares (estudo) os alunos participantes na investigação, responderam maioritariamente “quarto”, sendo esta a divisão mais utilizada para o estudo (em 83% dos casos). São apontadas ainda outras divisões, mas com níveis de frequência muito inferiores, comparativamente à que já foi referida: 13% dos alunos refere estudar na sala e 4% no escritório (Cf. Gráfico 12).

Gráfico 28 – Local onde estudas habitualmente



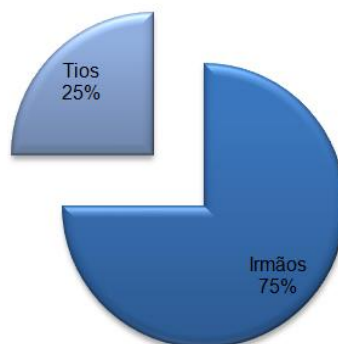
Nos hábitos de estudo, pretendia-se também aferir se os alunos têm ajuda nos estudos. Os resultados estão espelhados no Gráfico 13, sendo que em 88% dos casos a resposta foi negativa, sendo que na maioria dos casos os alunos estudam sozinhos, o que parece estar também relacionado com os níveis de habilitação literária dos pais.

Gráfico 29 – Alguém te ajuda a estudar?



Face à identidade de quem apoia nos estudos, maioritariamente os inquiridos referem que a ajuda provém dos irmãos (em 75% dos casos). Nas restantes situações, a ajuda identificada provém dos tios (Cf. Gráfico 14).

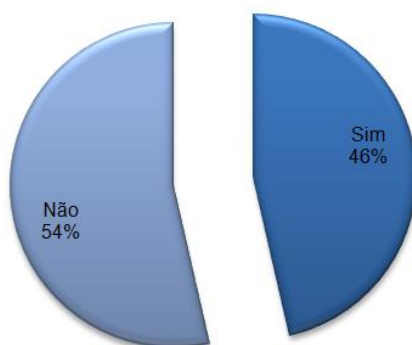
Gráfico 30 – Quem te ajuda a estudar



Na evolução do percurso escolar dos respondentes, procurou-se ainda aferir quantos haviam tido negativas no ano letivo anterior. A diferença de pontuações é bastante reduzida (Cf. Gráfico 15), mas ainda assim a ligeira maioria diz não ter tido negativas no ano letivo anterior (54%). **Seabra (1999)** investigou a relação entre a família e a escola, concluindo que alguns pais consideram não fazer sentido a sua participação em colaboração com os professores nas atividades escolares dos filhos. A autora concluiu ainda, neste estudo, que a escola e casa surgem como mundos separados e

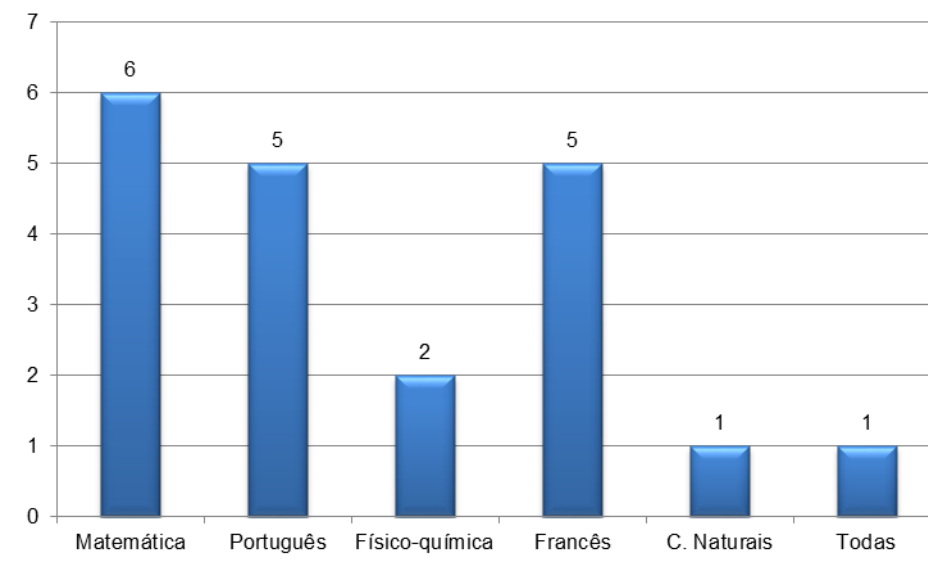
com funções diferenciadas – os pais seriam os responsáveis pela educação e a escola pela instrução. Esta separação surge mais frequentemente em famílias mais desfavorecidas, que se sentem como mais impotentes face à prestação de auxílio aos filhos nas tarefas escolares. Por outro lado, muitas vezes o espaço escolar não é familiar aos pais, causando-lhes desconforto, daí o aumento da distância relativamente a este.

Gráfico 31 – Existência de negativas no ano anterior



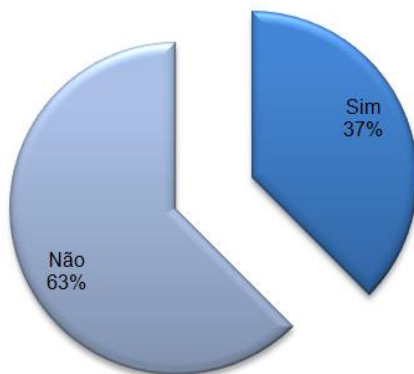
As negativas do anterior ano letivo mais frequentes são na disciplina de Matemática (em 6 casos), seguidas das disciplinas de Francês e Português (ambas com 5 casos de valores negativos de alunos inquiridos). Nas restantes disciplinas referidas encontram-se a de Físico-química e Ciências Naturais, com 2 e 1 negativa respetivamente. Refira-se, ainda, que um dos alunos inquiridos afirma ter obtido avaliações negativas a todas as disciplinas (Cf. Gráfico 16).

Gráfico 32 – Disciplina com negativa



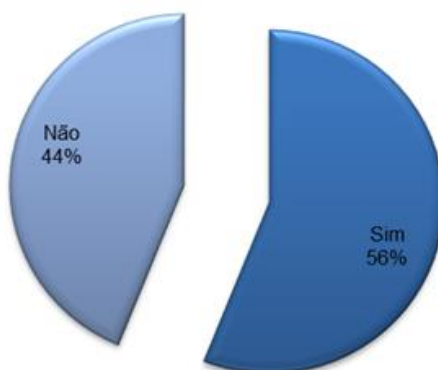
Relativamente à avaliação qualitativa que os alunos fazem das suas avaliações, 37% dos inquiridos referem ter tido boas notas no ano anterior, e 63% afirmam não terem tido boas notas. O trabalho de **Silva & Sá (1997)** identifica no âmbito das estratégias de aprendizagem 3 componentes: saber fazer tarefas, definir metas e planear para atingir um determinado objetivo. Para alcançar este fim reconhece-se a importância de ligar três vetores em interligação permanente: a sala de aula, os professores e os alunos. Aquelas três componentes das estratégias de aprendizagem podem estruturar-se entre os vértices referidos. A sua mobilização articulada é entendida como fulcral para o ensino-aprendizagem.

Gráfico 33 – Boas notas no ano anterior



Um dos objetivos principais do presente estudo era, essencialmente, aferir a perspectiva dos alunos face à disciplina de Geografia. Neste sentido, foi-lhes perguntado diretamente se gostavam ou não da disciplina. Dos respondentes, 56% afirmam gostar de Geografia, e 44% dizem que não gostam (Cf. Gráfico 18).

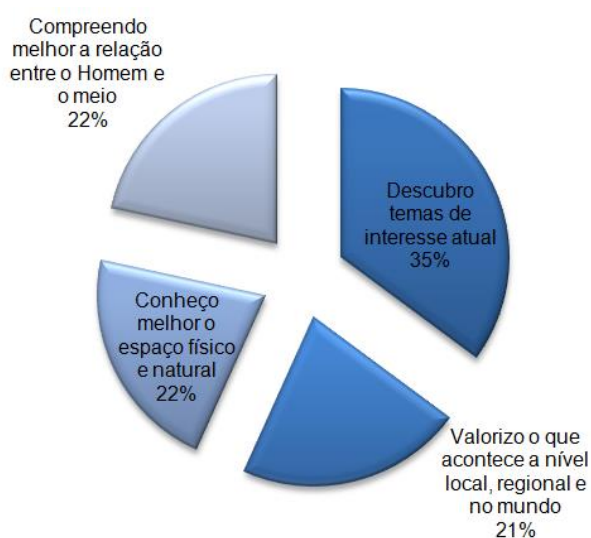
Gráfico 16 – Gostas de Geografia



As razões para justificar a sua preferência pela disciplina de Geografia foram questionadas usando uma escala de 1 a 4, sendo solicitado aos alunos que as organizassem por níveis de preferência. De todos os alunos respondentes, 35% referem “descubro temas de interesse atual” como primeira preferência, seguida apontam como razão para gostar da disciplina “compreendo a relação entre o Homem e o meio” (em 22% das respostas) e “conheço melhor o espaço físico e natural” (também em 22% dos casos). A resposta menos frequente refere-se à opção “valorizo

o que acontece a nível local, regional e no mundo”, apontada 21% dos casos. **Silva & Sá (1997)** criaram um programa de desenvolvimento de competências visando o treino de autorregulação da aprendizagem, métodos e estratégias de estudo, favorecendo o saber aprender para mudar o conhecimento. Estas autoras defendem que para o processo de aprendizagem contribuem não só fatores externos, como também fatores internos (nomeadamente cognitivos e afetivos). Nesta linha de raciocínio, além dos outros fatores referidos, o aluno apreenderá melhor os conteúdos se estes forem do seu interesse.

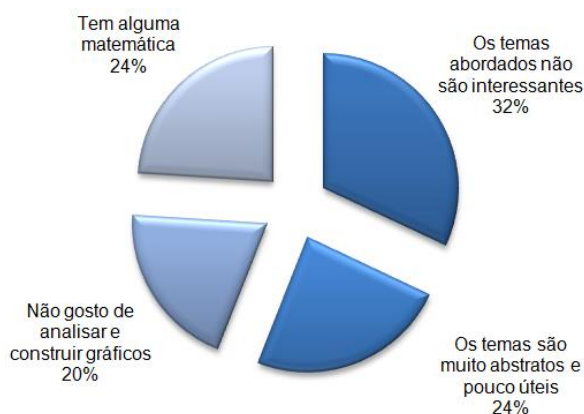
Gráfico 34 – Razão para gostar de Geografia



Da mesma forma, foi solicitado aos alunos que responderam não gostar da disciplina que classificassem de 1 a 4 as razões pelas quais não gostam da mesma. Neste caso, 32% refere que “os temas abordados não são interessantes”, e em 24% das respostas são apontadas as opções “tem alguma matemática” e “os temas são muito abstratos e pouco úteis”. Os inquiridos apontam, em 20% dos casos, como razão o facto de alguns alunos elegerem a opção “não gosto de analisar e construir gráficos”. Estes dados revelam a necessidade de empreender esforços no sentido de transformar os temas/conteúdos abordados, no sentido de facilitar o despertar o interesse sobre os mesmos. A abstração revela precisamente a necessidade da operacionalização dos conteúdos, facilitando a interpretação de dimensões e indicadores sobre os conteúdos, gerando também a perceção sobre a sua utilidade. É evidente a necessidade de mudar as estratégias pedagógicas de ensino-aprendizagem, potenciando a interação dos alunos com os temas, facilitando o

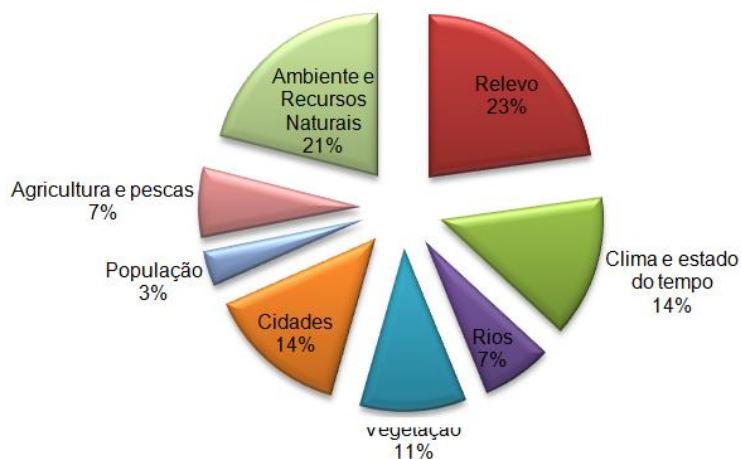
desenvolvimento do conhecimento através da sua aplicação e interpretação em situações do quotidiano.

Gráfico 35 – Razão para não gostar de Geografia



Na perspetiva de aferir quais as temáticas que despertam maior interesse nos alunos, no âmbito da disciplina de Geografia, foi incluído um item, no questionário relativo aos temas que despertam mais interesse aos alunos. Foi-lhes pedido que os classificassem de 1 a 8. As respostas mais frequentes dizem respeito às temáticas “relevo” e “ambiente e recursos naturais”, situadas entre as que surgem com maior frequência. A níveis sensivelmente equivalentes, mas um pouco inferiores relativamente às primeiras surgem as opções são apontadas as opções 14% “clima e o estado do tempo” e as “Cidades” (ambos com 14% das respostas), “Vegetação” (11%) e “agricultura e pescas”(7%).

Gráfico 36 – Temas de Geografia que despertam mais interesse



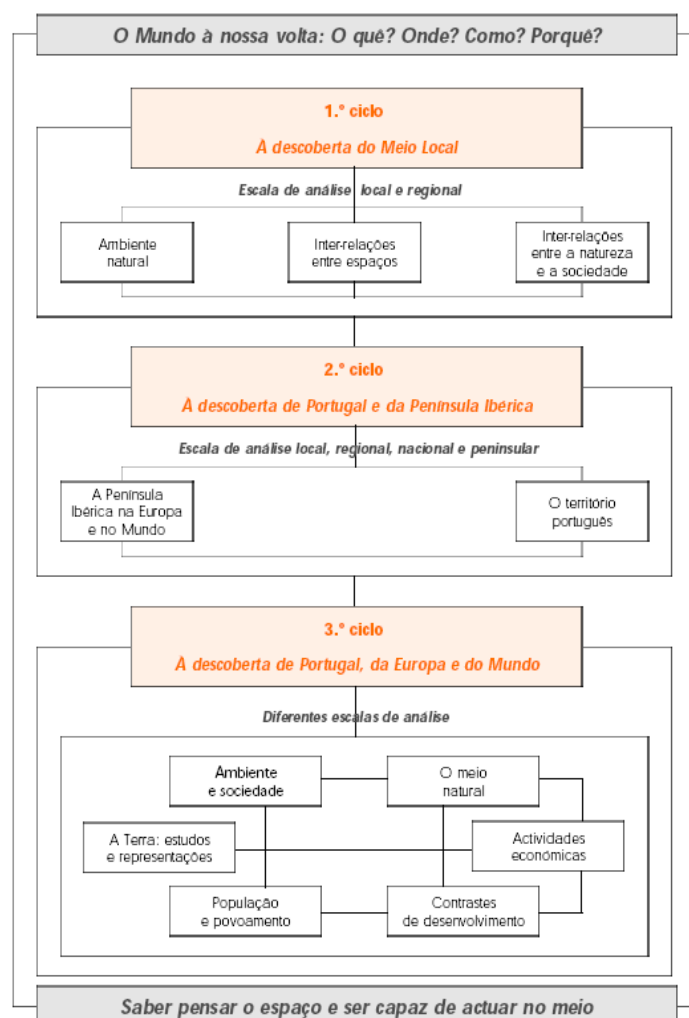
Na tabela seguinte sistematizam-se as classificações dos alunos em relação à frequência de determinadas variáveis relacionadas com as metodologias utilizadas na sala de aula pelo professor de Geografia. Desta forma, com base nas aulas do professor de Geografia, solicitou-se o preenchimento da tabela seguinte.

Tabela 3 – Atividades desenvolvidas

	Nunca	Por vezes	Algumas	Muitas vezes	Não responde
Já desenhaste e analisaste mapas?	3	15	34	6	0
Já desenhaste e analisaste gráficos?	1	21	28	7	0
Com frequência vês e comentas filmes/documentários?	4	18	26	9	0
Realizas trabalhos individuais ou de pesquisa?	3	12	35	7	0
Já trabalhaste em grupo?	2	10	33	12	0
Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?	2	13	34	8	0
Discutes assuntos na aula?	4	17	29	7	0
Realizas debates à volta de uma mesa?	4	22	31	0	0
Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?	7	23	25	2	0
Já construístes dossiers temáticos?	15	16	24	2	0
É habitual fazeres resumos?	5	16	31	5	0
Já fizestes visitas de estudo através da Internet?	10	16	29	2	0
Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?	4	16	29	8	0
O teu professor costuma expor a matéria?	2	14	33	8	0
Fazes portefólio?	11	21	22	3	0
O teu professor anota as tuas ideias no quadro?	5	21	29	2	0
Fazes trabalhos com um objetivo específico?	2	19	32	4	0
Resolves situações-problema?	3	22	29	3	0
Já fizestes saídas de campo?	3	18	29	7	0
Constróis esquemas?	2	22	31	2	0
Recebes convidados nas tuas aulas?	10	16	29	2	0
Participas em conferências sobre temas?	14	17	25	1	0

Desta interligação (professor-aluno-sala de aula) emerge a capacidade de metacognição, concebida como sendo suscetível de ser aprendida na sala de aula, podendo os professores ter um papel preponderante no desenvolvimento dos processos de aprendizagem dos seus alunos (Silva & Sá, 1997). As várias atividades desenvolvidas e identificadas pelos alunos, refletem o seguimento das lógicas subjacentes ao processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos previstos para o 3.º Ciclo, nomeadamente no sentido «Saber pensar o espaço e ser capaz de atuar no meio», conforme o *Currículo Nacional do Ensino Básico – Geografia* (Ministério da Educação, s/d, p.110). Seguindo este *Currículo*, apreenderam-se e seguiram-se as competências específicas definidas para o final do 3.º Ciclo, de forma a enquadrar os conteúdos a desenvolver.

Figura 3 – Currículo Nacional do Ensino Básico – Geografia (Competências essenciais)



Fonte: Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica (s/d). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação. Pág. 110.

Através da figura anterior é possível perceber que no final do terceiro ciclo os alunos têm que manusear várias escalas de análise, pelo se percebe a importância das atividades identificadas na Tabela 3. Ao concluir este ciclo, antes da entrada no Secundário, as atividades devem permitir aos alunos: analisarem as relações entre o ambiente e a sociedade e interpretarem o funcionamento do meio natural e das atividades económicas, assim como a relação deste com os contrastes de desenvolvimento, a população e o povoamento. Com estas, pretende-se que os alunos foquem ao nível analítico uma escala mais ampla, nomeadamente os estudos e representações sobre a Terra. As atividades desenvolvidas pretendem concretizar o desenvolvimento e apropriação destas diferentes escalas de análise.

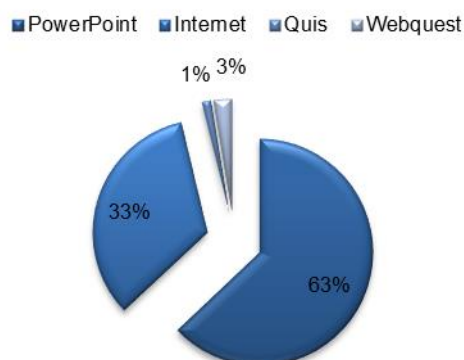
Em relação ao uso das tecnologias na sala de aula pelo professor de Geografia, 95% dos inquiridos refere que o professor utiliza tecnologias na sala de aula e 5% diz que não. Durante a observação das aulas de Geografia, a utilização das Tecnologias Educativas mostrou-se motivadora de aprendizagens, atraindo os alunos pela sua dinâmica visual e interativa. A sua utilização teve um impacto significativo, implicando a apreensão dos conhecimentos de forma efetiva. De forma dinâmica, mas organizada, os alunos foram motivados a participar na resolução conjunta de exercícios, fomentando, também, a autoestima e a comunicação.

Gráfico 37 – O teu professor usa tecnologia na sala de aula?



Quanto às tecnologias usadas pelo professor na sala de aula, 33% refere que este utiliza a internet e 63% referem a utilização do *Microsoft PowerPoint®*. Podemos então concluir que estas são as tecnologias mais utilizadas pelo professor de Geografia na sala de aulas.

Gráfico 38 – Tecnologias mais usadas na sala de aula



José Manuel Saragoça (2005) no seu texto intitulado *A relação entre as novas tecnologias da informação e da comunicação e a educação: um estudo de caso*, elabora um exercício de observação e reflexão, a partir do qual procurou testar três hipóteses: a primeira proposição, afirmava que a frequência e o tipo de utilização das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) por parte de professores e alunos refletem um prolongamento da sua utilização habitual em outras esferas para além da escola, onde se pode potenciar a ciberalfabetização, preparando-os para a inserção na sociedade da informação; na segunda, o autor aponta a insuficiência dos conhecimentos dos professores e da dimensão e perfil das atividades desenvolvidas na área da educação com/para as TIC para a sua eficiente integração no processo de ensino-aprendizagem exigido pela sociedade da informação; e na terceira hipótese, Saragoça conjectura que a utilização destas tecnologias é percebida por professores e alunos como dinamizadora de ambientes educacionais facilitadores dos processos de ensino-aprendizagem.

Tendo em consideração a afirmação do papel da tecnologia na sociedade da informação (e conhecimento), o autor interpreta os significados que os atores na escola atribuem ao domínio das TIC, para a preparação do futuro hoje, aumento da motivação para o ensino e aprendizagem, assim como à melhoria da qualidade obtida no acompanhamento e realização dos trabalhos escolares. O debate sobre o papel da escola nas sociedades atuais e futuras, exige-lhe novas lógicas no sentido de transformar recetores em produtores de informação e conhecimento que, no meio de fluxos de comunicação intensos e extensos, sejam capazes de aprender a sociedade da informação, onde «as tecnologias são um fim e um meio para atingir as competências e os saberes que condicionarão o percurso social a realizar pelas pessoas» (idem, p. 285).

Nas considerações finais, José Manuel Saragoça faz uma apreciação sobre a necessidade dos professores adotarem uma postura «(mais) pró-activa» e desenvolvimento profissional na área das TIC, demonstrando-se mais convictos da necessidade da educação para este tipo de tecnologia como fator fundamental da formação de todos os alunos. O autor conclui o seu texto com a afirmação de que as TIC contribui para a execução dos princípios da escola democrática: «igualdade de oportunidades», «formação crítica dos futuros cidadãos» e a «adaptação das crianças e jovens à sociedade». Foi confirmada a hipótese sobre a insuficiência dos conhecimentos dos professores e da dimensão e perfil das atividades desenvolvidas na área das TIC, classificado como um produto tecnológico fundamental para viver na «“sociedade em rede”» (Castells cit. por Saragoça, 2005, p. 275), assim como aquelas com que se percebeu o papel da escola como agente de «“cibersocialização”» (Saragoça, 2005, p. 280), para onde se estende e pode ampliar a ciberalfabetização, em que a tecnologia é reconhecida por professores e alunos como dinamizadora de ambientes educacionais facilitadores dos processos de ensino-aprendizagem.

Figueiredo (1989, p. 77) salienta as vantagens na utilização das Tecnologias Educativas, nomeadamente, dos computadores no sistema de ensino, destacando as suas potencialidades:

- «instrumentos que enriquecem as estratégias pedagógicas do professor e estimulam, em diversos contextos educativos, metodologias mais incentivadoras da atividade, participação, colaboração, iniciativa e criatividade dos alunos;
- ferramentas de visualização, simulação, análise, síntese, e organização de conhecimentos, suscetíveis de serem enquadradas pelos alunos em estratégias e competências de atuação e de aprendizagem mais adaptadas à crescente intelectualização do trabalho;
- mecanismos de adaptação dos contextos educativos a características particulares de alguns alunos, tanto no que se refere a estilos de aprendizagem que se apoiam mais dificilmente nos suportes convencionais, como na superação de dificuldades que resultam de deficiências físicas ou psíquicas;
- suportes de atualizações curriculares, nas diversas disciplinas, e em áreas interdisciplinares;
- instrumentos potenciadores da criação de novas dinâmicas sociais de aprendizagem, quer em ambientes formais, quer em ambientes informais de aprendizagem;

- mecanismos para a exploração de novas representações do mundo físico e de ligações mais ricas da atividade laboratorial escolar com a realidade experimental;
- sustentáculos de novas estratégias da escola (na agregação de interesses dentro de grupos disciplinares, no suporte a iniciativas transdisciplinares, e na ligação da escola com outras escolas e com a realidade social, económica e natural circundantes).»

O desenvolvimento rápido das Tecnologias da Informação e Comunicação multiplicou os recursos informativos, retirando à escola o seu papel exclusivo de fonte do saber. No domínio da Geografia os alunos constroem uma imagem do mundo no quotidiano, através da televisão, da internet, etc., pelo que o professor passa a encontrar a sua tarefa mais dificultada, pois já não basta criar ambientes estimulantes na aula, com a exploração de imagens e mapas. Há que organizar um conjunto de informação descontextualizada que os alunos trazem consigo para as aulas.

A descoberta do mundo que os rodeia ganhou uma dimensão completamente nova para a qual o professor tem que desenvolver estratégias adequadas. O ensino da Geografia deverá conseguir explicar a realidade subjacente à perceção que temos do mundo atual, que deriva, em grande parte da informação disseminada pelos meios de comunicação social, através do desenvolvimento de capacidades que permitam uma integração efetiva na sociedade da informação e do conhecimento. Nesta perspetiva, a educação geográfica tem como objetivo a explicação da realidade social e ambiental, orientando o aluno para ser capaz de tomar decisões e resolver problemas na sociedade em que está integrado e onde se pretende inserido.

Geneviève Jacquinot-Delaunay (2006) faz uma crítica ao desaproveitamento das potencialidades dos media e das tecnologias educativas. Como defende através de vários argumentos, é fundamental ligar as Ciências da Educação e as Ciências da Comunicação, envolvendo as novas ferramentas que existem hoje disponíveis para dinamizar a aprendizagem. Sem este diálogo entre a educação, a comunicação e a tecnologia, a autora vê como difícil a existência de inovação pedagógica, uma vez que a modernidade tecnológica não garante nada por si só. Sustenta a ideia de que existe a tendência para manutenção das «simples transposição mecânica das práticas de formação herdadas» (2006, pp. 123-124), sem a possível utilização da chamada «“tecnologia da educação”», considerada como a procura da articulação otimizada dos recursos disponíveis para uma determinada situação de aprendizagem (tecnologias da educação; tempo; organização do espaço; características do sistema educativo;

disponibilidade dos professores; níveis, aptidões e necessidades dos alunos) (idem, p. 124). Citando Shannon (idem, 132), Jacquinot-Delaunay caracteriza a utilização dos media educativos como práticas que têm que ultrapassar a tendência para reduzir «o saber à informação» e «a comunicação pedagógica a uma comunicação unidireccional, do emissor para o receptor»

No texto pode perceber-se que a autora atribui uma grande importância ao desenvolvimento do espírito crítico, fundamental para educar cidadãos para uma sociedade da informação que exige da educação uma outra forma de cultura, assente em estratégias para que se aprenda a comunicar. É necessária uma «“educação pelos media”» e «“para os media”» (idem, p. 129), capaz de ultrapassar os media como suporte, transformando-os em objeto de aprendizagem, reformulando práticas pedagógicas. A autora destaca o papel das «“ferramentas para aprender”» (idem, 135), no sentido do ensino e da aprendizagem, para a elaboração de modelos de integração pedagógica, onde surgirão domínios interdisciplinares. Na sua perspetiva as ferramentas, como tecnologias da educação, têm o poder de criar espaços de comunicação entre áreas disciplinares, que até podem dar origem a interdisciplinas. Esta é mesmo uma questão colocada por Jacquinot-Delaunay: Ciências da Educação e Ciências da Informação e Comunicação «... rumo a uma interdisciplina?» (idem, p. 134). Na funcionamento desta interdisciplina surgem conceitos operativos, tais como: interactividade, dispositivo, utilizador e mediação. Estes mostram as ligações crescentes entre tecnologias e a educação.

A Geografia deverá promover a reflexão e o debate fundamentado nas constantes transformações económicas, sociais, culturais, ambientais e políticas de um mundo globalizado, debate esse em que o professor é o mediador do processo de ensino-aprendizagem. Os conteúdos científicos da Geografia transmitidos em sala de aula são, frequentemente, abstratos, o que complica a tarefa do professor, pois são difíceis de explicar e de assimilar. Este fenómeno embora não seja exclusivo da Geografia, contribui, em grande medida, para a desmotivação dos alunos face à escola. Assim, o processo de ensino-aprendizagem exige cada vez mais do professor, mais ainda porque outras problemáticas se associam.

Segundo as Orientações Curriculares do 3.º Ciclo do Ensino Básico, é necessário que os alunos saibam formular e responder a questões geográficas pertinentes, adequadas à experiência da vida quotidiana, permitindo, assim, construir uma visão integradora do espaço. Como método de estudo privilegiado da Geografia destaca-se a investigação centrada «na observação, recolha e tratamento da informação para levantar e testar hipóteses, elaborar conclusões e apresentar os

resultados obtidos» (**Ministério da Educação e Ciência – DGIDC, 2001a**). Aqui reside a única abordagem do currículo às TIC que faz referência às pesquisas documentais com recurso «a material audiovisual, cd-roms, internet». O atual documento sobre as metas curriculares para o 3.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, s/d) já faz referência à utilização das TIC, estratégia que, até então, estava apenas prevista no Ensino Secundário (**Cruz & Costa, 2009**). A urgência da mobilização das TIC tem tornado também urgente o recurso à educação tecnológica nas escolas para responder ao problema da exclusão digital, fator determinante no desenvolvimento da sociedade atual, a sociedade da informação e do conhecimento. Desta forma, no âmbito deste projeto defende-se a integração das TIC como ferramentas didáticas de ensino-aprendizagem da Geografia, objetivando aulas mais estimulantes e dinâmicas, com recurso a atividades que promovam a reflexão crítica sustentada e que, assim, aproximem a Geografia «das reais necessidades dos alunos, tanto no presente como na sua vida futura» (**Cachinho, 2004, p. 5**).

A Comissão de Educação Geográfica afirma que «a educação geográfica é indispensável para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e ativos no mundo atual e futuro» (**CEG/UGI, 1992, p. 5**). Num mundo perpassado pelos vários processos de globalização, a Geografia não pode ser uma disciplina neutra, que se limite a transmitir informação, numa perspetiva objetiva e racional da aprendizagem. Deve focar o conhecimento tendo em consideração os conceitos e o seu enquadramento social, as atitudes e os valores. As TIC possibilitam que o aluno possa construir e transmitir ativamente os seus conhecimentos, promovendo a criatividade, a capacidade de comunicação e o trabalho em equipa, permitindo, em simultâneo, um contato mais real com o mundo que está para além da escola. A experiência de Estágio revela que é necessário orientar a incorporação das TIC no processo de ensino-aprendizagem de forma adequada (**Cruz & Costa 2009**). Ainda que a aposta nas TIC na educação seja evidente, o seu aproveitamento pedagógico está ainda aquém das possibilidades. A diversidade de ferramentas que já estão ao dispor dos professores carece de fundamentação quanto à sua utilização didática.

4.5. Desenvolvimento profissional docente

Paraskeva & Oliveira (2006) escrevem sobre a importância de reformular a ligação dos estudantes com o *software* e *hardware*. As ligações estabelecidas com o *software* e *hardware*, revelam o potencial para transformar a capacidade, o poder e os resultados dos estudantes. Os autores tinham a expectativa do surgimento de novas relações entre instrumentos tecnológicos, alunos, professores, o currículo e a organização da

sala de aula (idem: 7). A reflexão sobre o desenvolvimento profissional docente a partir do Estágio permitiu perceber o papel significativo daquelas relações. A partir deste espaço de formação permitiu perceber a eficácia dos efeitos sociais reconhecida aos computadores, explica a crença no contributo que a tecnologia pode dar para «uma mudança substantiva das práticas curriculares» (idem: 8). Esta mudança resultará também da pressão para trabalhar e realizar mais, assim como para melhorar os resultados dos alunos em avaliações centralizadas (Pinar cit. por Paraskeva & Oliveira, 2006:8). Diz-se também, porque os autores escrevem sobre o aparecimento de uma «*sustaining technology*», uma vez que a tecnologia é também utilizada como mecanismo de poder, transformando-se num instrumento de consolidação e até de neutralização do sistema (Paraskeva e Oliveira, 2006:8). Neste sentido, afirmam que a tecnologia educativa se centra num conceito de educação principalmente baseado na contabilidade, onde se produzem exames padronizados e comparam escolas pelos resultados em avaliações. Ultrapassando esta perspetiva negativa, os autores sublinham a importância de perceber o papel que a tecnologia informacional e comunicacional poderá ter, no que diz respeito aos conteúdos curriculares.

O fundamental é entender «o que ensinam e não ensinam as escolas» (Macdonald e Hursh cit. por Paraskeva e Oliveira, 2006:9), onde se deve superar a educação de destrezas básicas, seguindo currículos em tudo semelhantes aos do princípio do século. Os autores escrevem sobre o «divórcio entre os conteúdos da escolarização e a sociedade em geral» (idem, 10), com a produção de um conhecimento pouco sofisticado, com evidentes implicações nas conceções de ensino e aprendizagem. Por oposição à separação negativa entre currículo e tecnologia (TIC) educativa, distante da realidade, sob princípios daquilo que Macedo (cit. por Paraskeva e Oliveira, 2006:10) denomina de «pedagogias da grande mentira», os autores apoiam o desenvolvimento de uma «pedagogia crítica» baseada num «currículo multiculturalista». Com o recurso à tecnologia abrem-se espaços para que sejam reduzidas as «posições assimilacionistas» e as «pluralistas superficiais» (Paraskeva e Oliveira, 2006:11), assim como para que se desenvolva um pensamento crítico sobre o impacto da tecnologia. Não refletir sobre o papel da tecnologia e da educação, é transformá-los em simples bens de consumo. Desta forma irão sobressair os seus limites e não as suas potencialidades.

O currículo de Geografia do 3.º Ciclo do Ensino Básico é constituído pelo conjunto das aprendizagens e das competências a desenvolver pelos alunos ao longo do Ciclo aquando do estudo dos temas programáticos: A Terra: Estudos e Representações; Meio Natural; População e Povoamento; Atividades Económicas;

Contrastes de Desenvolvimento; Ambiente e Sociedade. A abordagem ao Programa permitiu perceber que os 6 temas programáticos abordam temáticas e conteúdos essenciais, que facilitam e promovem o conhecimento e a compreensão do Mundo por parte dos alunos, sendo por isso básicos para a investigação geográfica. No primeiro tema, A Terra: Estudos e Representações, foi possível perceber que os alunos têm oportunidade de desenvolver competências relacionadas com o estudo da paisagem e com a construção, uso e interpretação de mapas e gráficos – ferramentas e técnicas essenciais para o estudo da Geografia. Ensinar com e sobre os mapas é uma parte essencial deste tema que, dada a natureza dos conteúdos, deve ser sempre estudado em primeiro lugar. Percebe-se assim a estrutura lógica dos Programa. Nos restantes cinco temas são tratados conteúdos e temáticas da Geografia Física e da Geografia Humana. A partir da observação e estudo da interdependência entre os fenómenos naturais relacionados com o clima, a vegetação, os solos e a água. A partir daqui os alunos podem reconhecer que o mundo físico e as regiões naturais têm uma identidade própria, que frequentemente ultrapassa as fronteiras políticas e económicas. O estudo e conhecimento de temáticas da esfera da Geografia Física, possibilita avaliar as oportunidades que a população tem quando interage com o Mundo físico. Este espaço é ideal para focar questões fundamentais da Educação para a Cidadania ligados com a Educação Ambiental, a sustentabilidade, entre outras.

A partir da reflexão sobre o desenvolvimento profissional docente é possível afirmar que a gestão do currículo deve incidir mais nos aspetos interpretativos das diversas experiências educativas do que nos aspetos descritivos dos conteúdos programáticos. A formação e educação na área da Geografia deve permitir aos alunos aprender a aplicar conceitos como espaço, lugar, região, território, ambiente, localização, escala geográfica, mobilidade geográfica, interação e movimento, levando ao desenvolvimento de um conjunto de competências que lhes permitam saber observar e pensar o espaço, assim como serem capazes de atuar no meio. Tendo em consideração estas premissas, percebe-se que o desenvolvimento profissional docente neste espaço de educação exige a mobilização de um conjunto diversificado de recursos, assim como a implementação de diversas atividades, que consigam estruturar aquelas competências. O desenvolvimento profissional docente dependerá de uma ligação próxima com as necessidades identificadas no sentido da estruturação de capacidades e as estratégias projetadas no sentido de ultrapassar as primeiras e potenciar as segundas. Se numa perspetiva territorialista, o espaço é o que nele se faz, é importante que os alunos o aprendam e reflitam sobre a sua utilização, dotando-os de competências para uma ação equilibrada. Profissionalmente, o professor terá

que desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem capazes de (des)envolver os conhecimentos necessários para a socialização sobre aquela ação.

No que diz respeito à autoavaliação, esta pressupõe uma reflexão crítica sobre as nossas ações, comportamentos e atitudes e requer a capacidade de exprimirmos e avaliarmos a nossa pessoa numa tentativa sincera e difícil de introspeção e de questionamento. Procura-se fazer uma autorreflexão sobre este período de Estágio, quanto à atitude no contexto escolar, percurso de crescimento pessoal e profissional e das aulas lecionadas de Geografia, como se de um outro indivíduo se tratasse. Farei o esforço por ser o mais imparcial possível sendo axiologicamente neutra. Embora este exercício se apresente como difícil, no sentido de ultrapassar a dicotomia, irei fazer o esforço para o realizar da melhor forma. O risco de abraçar algo desconhecido com vontade de o conquistar é algo com valor quando há envolvimento e entrega a um objetivo ou projeto, como é o caso.

Procuro entregar-me, dedicar-me à mudança, se ela for essencial junto com rupturas de paradigmas, se essa for a necessidade perante o processo de ensino-aprendizagem. Ao longo deste processo de aprendizagem tendencialmente dou privilégio ao coletivo apelando ao esforço mútuo, ao trabalho em grupo/equipa, considerando-se esta a estratégia mais eficiente para o (des)envolvimento. Desta forma, parece-me possível uma maior partilha de saberes, métodos, ideias, percepções, conhecimento que vão enriquecendo também o professor enquanto agente educativo. Considero ter sido assertiva ao longo do período de Estágio, empreendendo um esforço no sentido de ouvir e de me manifestar quando senti ser conveniente, respeitando outras opiniões e sugestões tanto de colegas como de outros elementos. Em relação à planificação da aula de Geografia, esta foi enviada por e-mail para a professora cooperante, bem como os respetivos materiais. Posteriormente na reunião de pré-observação, a professora cooperante considerou necessário fazer algumas reformulações em relação à planificação e à organização dos respetivos materiais (apresentação *Microsoft PowerPoint®*) de forma a tornar estes instrumentos mais claros e objetivos.

Dada a pouca experiência, o registo de avaliação utilizado foi a observação. Para a planificação das aulas a serem lecionadas, foi considerada a contextualização dos alunos bem como a sua ligação com a realidade, adotando estratégias e técnicas didáticas com as quais os alunos estão familiarizados (recurso às TIC, como estratégia de motivação e estimulação). Houve momentos em que a diferenciação pedagógica se mostrou necessária e foi efetuada, apoiando os alunos com mais dificuldades, havendo assim um apoio mais individualizado como contemplava a planificação. A

participação dos alunos, o interesse e o empenho destes foi tido em linha de conta, aproveitando os contributos resultantes da participação para enriquecimento da aula, para um aumento significativo das aprendizagens, proporcionando uma maior interação e dinamismo na sala de aula.

CONCLUSÃO

A partir das experiências do Estágio foi possível perceber a importância da reflexão sobre a ação do professor, entendido como motor para a transmissão e desenvolvimento de conhecimentos, enquadrados numa determinada estrutura de conceção e participação na construção de conhecimentos, assim como de estratégias para a sua transmissão. Ao longo do estágio refleti quanto à importância da salvaguarda do papel do professor como decisor e gestor de currículo (Roldão, 1999), dispondo de uma posição baseada na iniciativa própria e enquadrada num trabalho colaborativo com os pares, onde a reflexão se torna, necessariamente, a ferramenta chave na resolução de problemas e situações imprevisíveis. Tendo em consideração estas últimas, refere-se a importância da planificação como uma ferramenta fundamental no quotidiano do professor. Através da sua planificação pode definir objetivos a atingir mediante os conteúdos que deseja transmitir e também delinear estratégias mais concertadas face ao tema em causa, orientando e sustentando as suas opções.

Como referi anteriormente, a planificação não foi tarefa fácil, mas devido ao seu cariz orientador, aos poucos foi-se tornando um hábito reflexivo e consciente, permitindo traçar objetivos e orientar a prática pedagógica. Não desvalorizando a execução da planificação das aulas, na prática houve a necessidade de as adaptar algumas vezes, devido à ocorrência de situações inesperadas resultantes da imprevisibilidade dos comportamentos dos alunos envolvidos. Estas reformulações não foram significativas, testando mesmo assim a flexibilidade das planificações, e representando momentos desafiantes quanto à capacidade de adaptação aos contextos instáveis que são um lugar-comum no contexto escolar. Em suma, a planificação da utilização de diferentes métodos e estratégias, demonstrou-se um fator fundamental no quotidiano do professor, devendo este recorrer às várias alternativas existentes, adotando competências no sentido de as adequar aos objetivos a atingir junto dos alunos, auxiliado pelos meios disponíveis. Pretendeu-se que os alunos

desenvolvessem as capacidades de interação e relacionamento com os conteúdos, que os compreendam e enquadrem, construindo também conclusões.

As experiências de Estágio permitiram apreender que o ensino da Geografia deve conseguir explicar a realidade subjacente à percepção que os alunos têm do mundo atual, que deriva, em grande parte da informação disseminada pelos meios de comunicação social, através do desenvolvimento de capacidades que permitam uma integração efetiva na sociedade da informação e do conhecimento. Desta perspetiva, a educação geográfica tem como objetivo a explicação da realidade social e ambiental, guiando o aluno para ser capaz de tomar decisões e resolver problemas na sociedade que integra. O desenvolvimento de conteúdos da Geografia permitiu perceber que esta deve promover a reflexão e o debate apoiado nas mudanças constantes ao nível económico, social, cultural, ambiental e político sob influência dos processos de globalização, debate esse em que o professor é o mediador do processo de ensino-aprendizagem.

Posso concluir também que a especificidade do contexto onde está inserida a Escola marca a adequação das estratégias a adotar pelos professores, sendo essencial conhecer o meio, as características dos alunos e das famílias, assim como efetivar o planeamento das aulas. Este conhecimento e esta definição/desenho da intervenção pedagógica são um contributo para que o percurso da prática educativa seja profícuo, permitindo compreender as estratégias de ensino que apoiam formas de ensino-aprendizagem significativas no percurso escolar dos alunos e do percurso profissional do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.

Alarcão, M. (2007). «Novas Formas de Família, Novas Formas de Terapia» (13-52). In A. P. Relvas & M. Alarcão. *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto.

Biblarz, T.J., Raftery A. E. (1999). «Family structure, educational attainment, and socioeconomic success: rethinking the “pathology of patriarchy» In *American Journal of Sociology*. 105 (2): 321-365.

Cachinho, H. (2004). «Criar asas: do sentido da geografia escolar na pós-modernidade». In *Atas do V Congresso da Geografia Portuguesa - Portugal: Territórios e Protagonistas*. Guimarães.

CEG/UGI (1992). *Carta Internacional de Educação Geográfica*. Lisboa: Associação Portuguesa de Geógrafos.

Cruz, E. & Costa, F. (2009). «Integração das TIC no currículo nacional. Uma abordagem exploratória» (371-384). In *Atas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Challenges 2009*. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho.

Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional de Professores. Os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.

Figueiredo, A. (1989). «Computadores nas Escolas» (76-89). In *Colóquio/Ciências*. N.º 4. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jacquinet-Delaunay, G. (2006), «As Ciências da Educação e as Ciências da Comunicação em Diálogo: a propósito dos media e das tecnologias educativas» in J. Paraskeva & Lia O. – org., *Currículo e Tecnologia Educativa*, Mangualde, Edições Pedagogo, pp. 123 – 141.

Ministério da Educação e Ciência - DGIDC (2001b). *Geografia – Orientações Curriculares do 3.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista de Educación*, 350, 203-218.

Paraskeva, J. & Oliveira, L. (2006), «Currículo e Tecnologia Educativa. Limites e Potencialidades» in João Paraskeva e Lia Oliveira – org., *Currículo e Tecnologia Educativa*, Mangualde, Edições Pedagogo, pp. 7 – 17.

Quivy, R. & Campenhoudt, V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Relvas, A. & Alarcão, M. (2007). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto.

Saragoça, J. (2005), «A relação entre as novas tecnologias da informação e da comunicação e a educação: um estudo de caso» in J. Bravo Nico – coord., *Aprender no Alentejo*, III Encontro Regional de Educação, Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, Évora, pp. 275 – 291

Seabra, T. (1999). *Educação nas Famílias: Etnicidade e Classes Sociais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional

Silva, A. L. & Sá, I. (1997) *Saber estudar e estudar para saber*. Portugal: Porto Editora.

Silva, A. S. (2002), «Acesso e sucesso: factos e debates na democratização da educação em Portugal». In M. M. Vieira, J. Pintassilgo e B. Portugal e Melo (orgs.). *Democratização Escolar: Intenções e apropriações*, Lisboa, Centro de Investigação em Educação.

ANEXOS

ANEXO I - Ata nº 1 - Apresentação

ANEXO II - Ata nº 2 - Pré 1ª Aula

ANEXO III - Ata nº 3 - Pós 1ª Aula

ANEXO IV - Ata nº 4 - Pré 2ª Aula

ANEXO VI - Ata nº 5 - Pós 2ª Aula

ANEXO VII - Ata nº 6 - Pré 3ª Aula

ANEXO VIII - Ata nº 7 - Pós 3ª Aula

ANEXO IX - Ficha de trabalho nº 1

ANEXO X - Ficha de trabalho nº 2

ANEXO XI - Ficha de trabalho nº 3

ANEXO XII - Planificação Aula 1

ANEXO XIII - Planificação Aula 2

ANEXO XIV - Planificação Aula 3

ANEXO XVI - Apresentação Power Point - Aula 3



Direção Regional de Educação do Norte
Agrupamento Vertical Escolas de Castelo de Paiva – 151312
Sede: Escola EB 2,3/S de Castelo de Paiva – 340558



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

ANEXO I - Ata nº 1 - Apresentação



Ata de Reunião de Estágio

Aos dezoito dias do mês de março de dois mil e treze, às 16 horas, reuniu o grupo de estágio de Geografia, secretariada pela estagiária Sílvia Moreira Magalhães e Costa . -----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Estagiária de Geografia	Sílvia Magalhães e Costa	
Orientadora de estágio de Geografia	Virgínia Amaral	

----- Ordem de trabalhos: -----

ponto um – Apresentação do corpo de estágio; -----

ponto dois – Apresentação da instituição; -----

ponto três – Informações sobre o estágio; -----

ponto quatro – Outros assuntos. -----

-----A professora orientadora iniciou a reunião transmitindo à professora estagiária a orgânica interna do Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva. Seguidamente a professora cooperante Virgínia Amaral, fez uma caracterização dos alunos que frequentam o agrupamento bem como do meio socioeconómico em que a mesma se encontra inserida.-----

---De seguida, a estagiária apresentou os elementos que até à presente data tinha disponíveis sobre a orgânica do estágio. Foi referido pela estagiária, que ainda não estavam na posse de alguns elementos e documentos importantes para o decorrer do mesmo, nomeadamente o regulamento de estágio atualizado, orgânica do plano de estágio e grelha de observação de aula. Documentos cujo envio e fornecimento são da exclusiva responsabilidade da Universidade Portucalense. -----

-----De seguida a orientadora fez a apresentação da instituição acolhedora e suas principais características e especificidades. Relativamente ao ponto três da ordem de trabalhos foi feito um levantamento prévio da disponibilidade de horário quer da orientadora quer da estagiária no que respeita à marcação de uma reunião do grupo de estágio semanal.-----

A estagiária abordou ainda a questão das aulas a lecionar e a observar, ficando a data das mesmas penderes da disponibilidade de horário, quer da orientadora, quer da estagiária. Relativamente às turmas em que as aulas vão decorrer, a estagiária foi informada pela professora orientadora, que as turmas a lecionar e observar na disciplina de Geografia seriam o nono ano turma F e o sétimo ano da turma D.-----

Para observação de aulas, esta seria feita à ao décimo ano da turma E e ao sétimo ano da turma D.-----

----- E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata, dentro dos termos da lei, em vigor, que inclui duas páginas, e deu-se por terminada a reunião. -----



Direção Regional de Educação do Norte
Agrupamento Vertical Escolas de Castelo de Paiva – 151312
Sede: Escola EB 2,3/S de Castelo de Paiva – 340558



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ANEXO II - Ata nº 2 - Pré 1ª Aula



Ata de Reunião de Estágio

Ao quinto dia do mês de abril de dois mil e treze, às 14 horas, reuniu o grupo de estágio de Geografia, secretariada pela estagiária Sílvia Moreira Magalhães e Costa . -----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Estagiária de Geografia	Sílvia Magalhães e Costa	
Orientadora de estágio de Geografia	Virgínia Amaral	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise do plano de aula e dos recursos para a aula assistida

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a apresentação à professora orientadora do plano de aula, respetivas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos elaborados pela estagiária Sílvia Costa.-----

Seguidamente a professora orientadora de Geografia, Virgínia Amaral, sugeriu algumas formas de encadeamento das estratégias de ensino e aprendizagem, bem como as imagens e a ficha de trabalho a ser utilizada na aula, não tendo feito qualquer recomendação relativamente à estrutura dos recursos. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ANEXO III - Ata nº 3 - Pós 1ª Aula



Ata de Reunião de Estágio

Ao nono dia do mês de abril de dois mil e treze, às 17 horas, reuniu o grupo de estágio de Geografia, secretariada pela estagiária Sílvia Moreira Magalhães e Costa . -----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Estagiária de Geografia	Sílvia Magalhães e Costa	
Orientadora de estágio de Geografia	Virgínia Amaral	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:-----

Ponto único – Análise aula assistida-----

Assuntos tratados/Deliberações:-----

Deu-se início à reunião com a análise da aula assistida da estagiária Sílvia Costa-----

A professora orientadora de Geografia, considerou esta aula do ponto de vista pedagógico normal e que correu de forma tranquila, salientando o à vontade e a segurança que a estagiária demonstrou. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ANEXO IV - Ata nº 4 - Pré 2ª Aula



Ata de Reunião de Estágio

Ao décimo segundo dia do mês de abril de dois mil e treze, às 18 horas, reuniu o grupo de estágio de Geografia, secretariada pela estagiária Sílvia Moreira Magalhães e Costa .-----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Estagiária de Geografia	Sílvia Magalhães e Costa	
Orientadora de estágio de Geografia	Virgínia Amaral	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise do plano de aula e dos recursos para a aula assistida

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a apresentação à professora orientadora do plano de aula, respetivas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos elaborados pela estagiária Sílvia Costa.-----

Seguidamente a professora orientadora de Geografia, Virgínia Amaral, sugeriu algumas formas de encadeamento das estratégias de ensino e aprendizagem, bem como as imagens e a ficha de trabalho a ser utilizada na aula, não tendo feito qualquer recomendação relativamente à estrutura dos recursos, apelando apenas para continuar à semelhança da aula anterior. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.



Direção Regional de Educação do Norte
Agrupamento Vertical Escolas de Castelo de Paiva – 151312
Sede: Escola EB 2,3/S de Castelo de Paiva – 340558



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

ANEXO VI - Ata nº 5 - Pós 2ª Aula



Ata de Reunião de Estágio

Ao décimo quinto dia do mês de abril de dois mil e treze, às 17:00 horas, reuniu o grupo de estágio de Geografia, secretariada pela estagiária Sílvia Moreira Magalhães e Costa . -----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Estagiária de Geografia	Sílvia Magalhães e Costa	
Orientadora de estágio de Geografia	Virgínia Amaral	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:-----

Ponto único – Análise aula assistida-----

Assuntos tratados/Deliberações:-----

Deu-se início à reunião com a análise da aula assistida da estagiária Sílvia Costa-----

A professora orientadora de Geografia, considerou esta aula do ponto de vista pedagógico normal e que correu de forma tranquila, salientando o à vontade e a segurança que a estagiária demonstrou, assim como, o facto de estar sistematicamente a questionar os alunos, fazendo-os sentir agentes responsáveis pela construção da aula que é algo muito positivo.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ANEXO VII - Ata nº 6 - Pré 3ª Aula



Ata de Reunião de Estágio

Ao vigésimo oitavo dia do mês de maio de dois mil e treze, às 17:30 horas, reuniu o grupo de estágio de Geografia, secretariada pela estagiária Sílvia Moreira Magalhães e Costa . -----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Estagiária de Geografia	Sílvia Magalhães e Costa	
Orientadora de estágio de Geografia	Virgínia Amaral	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise do plano de aula e dos recursos para a aula assistida

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a apresentação à professora orientadora do plano de aula, respetivas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos elaborados pela estagiária Sílvia Costa.-----

Seguidamente a professora orientadora de Geografia, Virgínia Amaral, sugeriu algumas formas de encadeamento das estratégias de ensino e aprendizagem, bem como as imagens e a ficha de trabalho a ser utilizada na aula, não tendo feito qualquer recomendação relativamente à estrutura dos recursos, apelando apenas para continuar à semelhança da aula anterior. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ANEXO VIII - Ata nº 7 - Pós 3ª Aula



Ata de Reunião de Estágio

Ao trigésimo dia do mês de maio de dois mil e treze, às 13:00 horas, reuniu o grupo de estágio de Geografia, secretariada pela estagiária Sílvia Moreira Magalhães e Costa . -----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Estagiária de Geografia	Sílvia Magalhães e Costa	
Orientadora de estágio de Geografia	Virgínia Amaral	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:-----

Ponto único – Análise aula assistida-----

Assuntos tratados/Deliberações:-----

Deu-se início à reunião com a análise da aula assistida da estagiária Sílvia Costa-----

A professora orientadora de Geografia, considerou esta aula do ponto de vista pedagógico normal e que correu de forma tranquila, salientando o à vontade e a segurança que a estagiária demonstrou. Considerou que a postura da estagiária foi-se mantendo ao longo das assistências.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ANEXO IX - Ficha de trabalho nº 1



Ficha de Trabalho – 9º Ano

Nome: _____ nº _____ Turma: _____

Tema: A Organização das Nações Unidas (ONU)

1. Indica o nome do presidente da ONU.

2. Indica a data e o local da fundação da ONU.

3. Menciona os objetivos da ONU.

4. Refere algumas áreas em que a ONU presta apoio.

5. Indica os dois organismos/ programas ou fundos da ONU que consideras mais importantes.

6. Justifica a resposta da questão anterior.

7. Diz o que entendes por ONG.

8. Indica o papel das ONG.

Bom Trabalho ☺

ANEXO X - Ficha de trabalho nº 2



Ficha de Trabalho – 9º Ano

Nome: _____ nº _____ Turma: _____

Tema: Ambiente e Sociedade

1. Diz qual a importância das atividades humanas nas alterações climáticas.

2. Refere algumas das consequências das alterações climáticas para a vida.

3. Indica os principais gases do efeito de estufa.

4. Explica por palavras tuas em que consiste o efeito de estufa.

5. A situação ambiental preocupa-te? Justifica a tua resposta.

6. Indica quatro medidas que possas colocar em prática para ajudares o ambiente.

ANEXO XI - Ficha de trabalho nº 3



Ficha de Trabalho – 7º Ano

Nome: _____ **nº** _____ **Turma:** _____

Tema: Meio natural: dinâmica do litoral

1. Diz o que entendes por litoral.

2. Indica quais as principais formas de relevo litorais.

3. Explica como se formam estas diferentes formas de relevo.

4. Explica as diferenças entre uma arriba e uma costa baixa ou praia.

Bom Trabalho 😊

ANEXO XIII - Planificação Aula 1

PLANO DE AULA

Disciplina - Geografia

Unidade – Obstáculos e soluções para atenuar as desigualdades

Ano- 9º ano Turma- F

Data: 08 de abril de 2013

Professor observado – Sílvia Moreira Magalhães e Costa

Professor Cooperante – Professora Virgínia Amaral

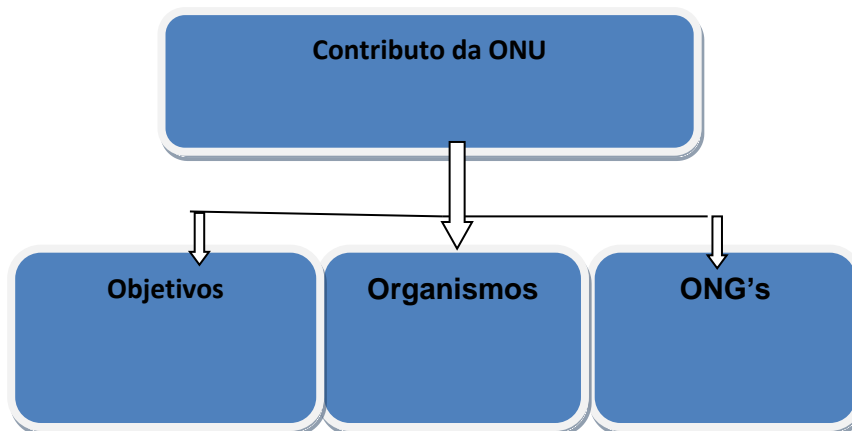
Conceito-chave e situação-problema / desafio

- ✚ **Situação-Problema:** Identificar as possíveis soluções para atenuar as desigualdades
- ✚ **Questão-Estruturante:** Reconhecer as soluções chaves para atenuar as desigualdades consoante o seu contexto.
- ✚ **Conceitos Chave:** ONU; ONG;

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

- ✚ Ser capaz de compreender o papel das ONG;
- ✚ Compreender as funções da ONU e dos respetivos organismos, fundos e programas.


Esquema conceptual para a aula





Informação nova / conteúdos

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	Aferir conhecimentos adquiridos em aulas anteriores que estejam relacionados com os conteúdos a tratar, através da tempestade de ideias. Aferir representações sociais que os alunos possuem.
--	--

Objetivos de aprendizagem

 Identificar o papel das ONG e da ONU.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias

 <u>Identificar de acordo com as informações, situações concretas de atuação.</u>
 Método Expositivo Dedutivo - Revisão do trabalho anterior (Tempestade de Ideias) e apresentação de material novo, tendo em vista procurar relações entre a informação nova e a informação já existente.
Estratégias cognitivas – recolha e transmissão de informação e contextualização.
Tarefa - análise crítica dos conteúdos
Objetivos: <ul style="list-style-type: none">• Identificar o papel das ONG.• Identificar características e meios de atuação da ONU e seus organismos.
Caraterísticas: <p>O professor proporciona aos alunos os conceitos e os princípios da matéria prevista e os alunos demonstram a aquisição de conhecimentos através da atividade proposta.</p>
Utilidade: <p>Estimula-se a memória e o pensamento convergente;</p> <p>Os conteúdos a aprender estão sujeitos a uma estruturação bem definida e a sua aquisição é faseada.</p>
Etapas de aplicação: <p>Apresentação dos conteúdos</p>

Prática controlada (tarefa de compreensão e de aplicação)

Recursos / Fontes

- computador
- projetor
- quadro
- caneta
- textos de apoio/manual
- Ficha de trabalho
- caderno diário

Avaliação intercalar

Avaliação formativa - análise da atividade proposta

Diferenciação pedagógica

Realização de uma ficha de trabalho na aula com acompanhamento individualizado para os alunos com mais dificuldade.
A ficha será distribuída pelos alunos de acordo com os conteúdos como objetivo de consolidar as competências e os conhecimentos adquiridos e permitir a superação de possíveis dificuldades.

Avaliação final

Ficha de Trabalho

Sumários

1ª aula

Obstáculos e soluções para atenuar as desigualdades:

- O contributo da ONU e o papel das ONG.
- Realização de uma ficha de trabalho.

ANEXO XIV - Planificação Aula 2

PLANO DE AULA

Disciplina - Geografia

Unidade – Obstáculos e soluções para atenuar as desigualdades

Ano- 9º ano Turma- F

Data: 15 de abril de 2013

Professor observado – Sílvia Moreira Magalhães e Costa

Professor Cooperante – Professora Virgínia Amaral

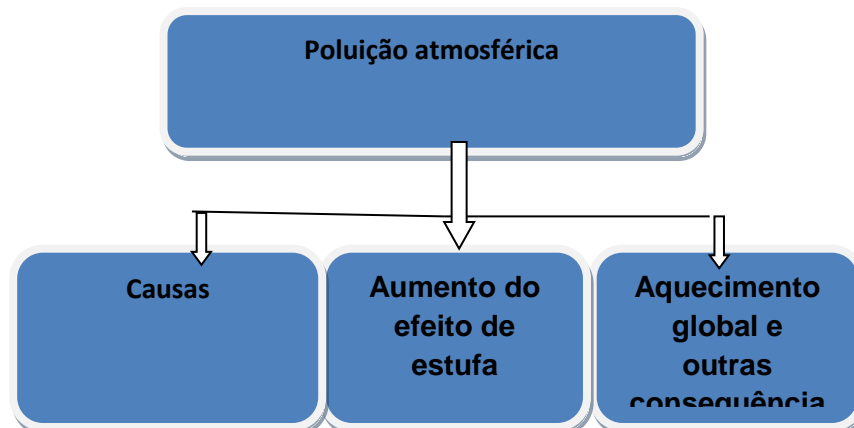
Conceito-chave e situação-problema / desafio

- ✚ **Situação-Problema:** Identificar os problemas causados pela poluição atmosférica.
- ✚ **Questão-Estruturante:** Perceber de que forma o aumento do efeito de estufa provoca o aquecimento global.
- ✚ **Conceitos Chave:** Efeito estufa, aquecimento global e alterações climáticas.

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

- ✚ Ser capaz de compreender o mecanismo do efeito de estufa;
- ✚ Relacionar o aumento do efeito de estufa com o aquecimento global;
- ✚ Compreender os impactos ambientais provocados pelo aquecimento global;

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	Aferir conhecimentos adquiridos em aulas anteriores que estejam relacionados com os conteúdos a tratar, através da tempestade de ideias/ diálogo reflexivo. Aferir representações sociais que os alunos possuem.
--	---

Objetivos de aprendizagem

<ul style="list-style-type: none">✚ Ensinar o que é o aumento do efeito de estufa, o porquê de causar o aquecimento global;✚ Criar/ despertar nos alunos uma consciência ambiental auxiliando-os a familiarizar-se com o assunto, pois é um tema muito atual e pertinente.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias

<ul style="list-style-type: none">✚ <u>Identificar de acordo com as informações, situações concretas de atuação.</u>✚ Método Expositivo Dedutivo - Revisão do trabalho anterior (Tempestade de Ideias) e apresentação de material novo, tendo em vista procurar relações entre a informação nova e a informação já existente. <p>Estratégias cognitivas – recolha e transmissão de informação e contextualização.</p> <p>Tarefa- análise crítica dos conteúdos</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Reconhecer a importância do ambiente à vida. <p>Caraterísticas:</p> <p>O professor proporciona aos alunos os conceitos e os princípios da matéria prevista e os alunos demonstram a aquisição de conhecimentos através da atividade proposta.</p> <p>Utilidade:</p> <p>Estimula-se a memória e o pensamento convergente;</p> <p>Os conteúdos a aprender estão sujeitos a uma estruturação bem definida e a sua aquisição é faseada.</p> <p>Etapas de aplicação:</p>

Apresentação dos conteúdos

Prática controlada (tarefa de compreensão e de aplicação)

Recursos / Fontes

- computador
- projetor
- quadro
- caneta
- textos de apoio/manual
- Ficha de trabalho
- caderno diário

Avaliação intercalar

Avaliação formativa - análise da atividade proposta

Diferenciação pedagógica

Realização de uma ficha de trabalho na aula com acompanhamento individualizado para os alunos com mais dificuldade.

A ficha será distribuída pelos alunos de acordo com os conteúdos como objetivo de consolidar as competências e os conhecimentos adquiridos e permitir a superação de possíveis dificuldades.

Avaliação final

Ficha de Trabalho

Sumários

2ª aula

Problemas associados à poluição atmosférica:

- O aumento do efeito de estufa, causas e consequências.
- Realização de uma ficha de trabalho.

ANEXO XV - Planificação Aula 3

PLANO DE AULA

Disciplina - Geografia

Unidade – Meio natural: dinâmica do litoral

Ano- 7º ano Turma- D

Data: 30 de maio de 2013

Professor observado – Sílvia Moreira Magalhães e Costa

Professor Cooperante – Professora Virgínia Amaral

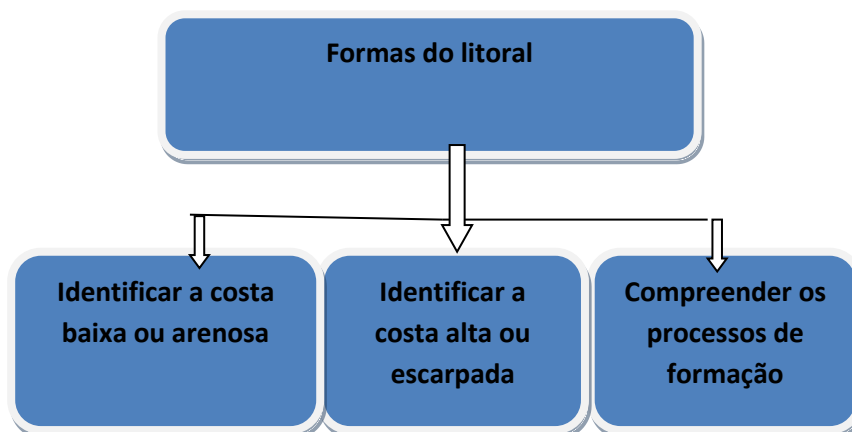
Conceito-chave e situação-problema / desafio

- ✚ **Situação-Problema:** Identificar os processos de evolução do litoral.
- ✚ **Questão-Estruturante:** Reconhecer os tipos de costa e respectiva origem.
- ✚ **Conceitos Chave:** Praia, arriba, abrasão marinha, plataforma de abrasão.

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

- ✚ Ser capaz de reconhecer os tipos de costa;
- ✚ Compreender os processos de formação dos diferentes tipos de costa.


Esquema conceptual para a aula





Informação nova / conteúdos

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	Aferir conhecimentos adquiridos em aulas anteriores e das suas vivências que estejam relacionados com os conteúdos a tratar, através da tempestade de ideias. Aferir representações sociais que os alunos possuem.
--	---

Objetivos de aprendizagem

 Caracterizar a evolução do relevo do litoral.

Sequenciação a dar à aula: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias

 Identificar de acordo com as informações, situações concretas de atuação.
 Método Expositivo Dedutivo - Revisão do trabalho anterior (Tempestade de Ideias) e apresentação de material novo, tendo em vista procurar relações entre a informação nova e a informação já existente.
Estratégias cognitivas – recolha e transmissão de informação e contextualização.
Tarefa - análise crítica dos conteúdos
Objetivos:
<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer a evolução do relevo do litoral.• Identificar as características de cada tipo de costa.
Caraterísticas:
O professor proporciona aos alunos os conceitos e os princípios da matéria prevista e os alunos demonstram a aquisição de conhecimentos através da atividade proposta.
Utilidade:
Estimula-se a memória e o pensamento convergente;
Os conteúdos a aprender estão sujeitos a uma estruturação bem definida e a sua aquisição é faseada.
Etapas de aplicação:
Apresentação dos conteúdos
Prática controlada (tarefa de compreensão e de aplicação)

Recursos / Fontes

- quadro
- caneta
- textos de apoio/manual
- Ficha de trabalho
- caderno diário

Avaliação intercalar

Avaliação formativa - análise da atividade proposta

Diferenciação pedagógica

Realização de uma ficha de trabalho na aula com acompanhamento individualizado para os alunos com mais dificuldade.

A ficha será distribuída pelos alunos de acordo com os conteúdos como objetivo de consolidar as competências e os conhecimentos adquiridos e permitir a superação de possíveis dificuldades.

Avaliação final

Ficha de Trabalho

Sumários

3ª aula

As formas do litoral:

- Identificar os diferentes tipos de costa e os seus processos de formação.

Realização de uma ficha de trabalho.

ANEXO XVI - Power Point Aula 1



1

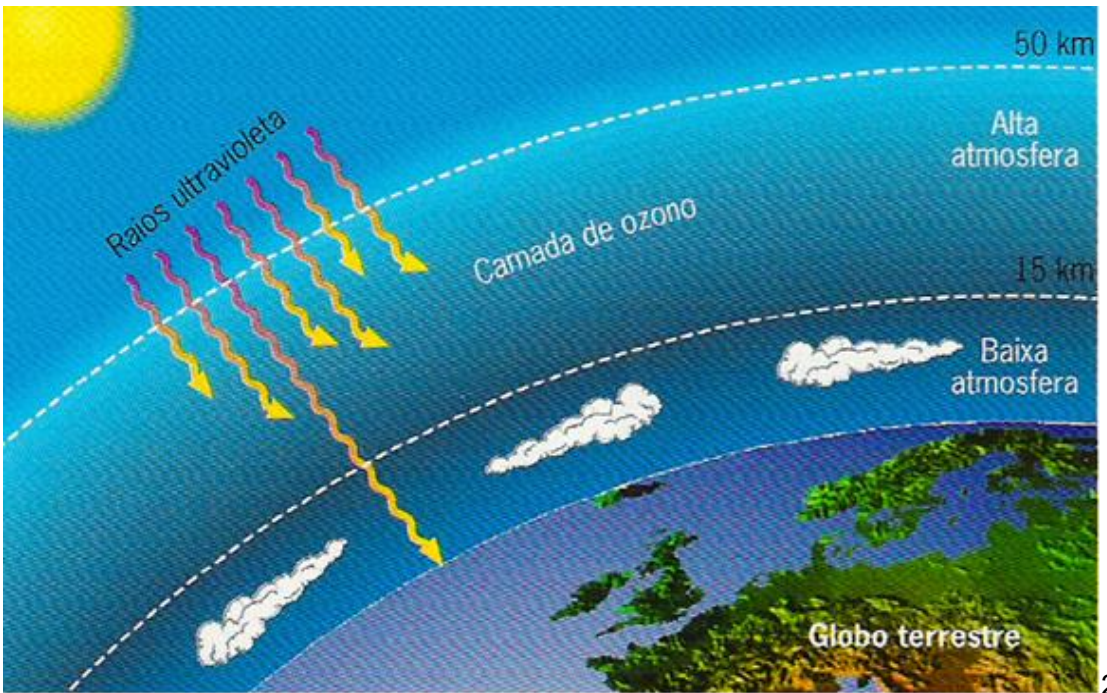


2

ANEXO XVII - Power Point Aula 2



1



2

ANEXO XVIII - Power Point Aula 3

MEIO NATURAL

DINÂMICA DO LITORAL

GEOGRAFIA - 7.º Ano

Litoral é....

- Litoral é um termo que designa a faixa de terra junto à costa **marítima**, junto ao oceano que engloba cerca de 50 km para o interior.
- Litoral - zona de contacto entre mar/oceano e o continente

Ação do Mar

- A tríplice acção do mar
- O mar, como qualquer agente transformador do relevo, tem uma tríplice acção sobre a linha de costa: **desgaste, transporte e acumulação/sedimentação.**

Abrasão - desgaste

- Desgaste das rochas provocado pela acção das ondas
- É o processo de desgaste das rochas, resultante dos movimentos das águas e também dos fragmentos de rocha anteriormente arrancados pelo mar às arribas.

Tudo o espaço compreendido entre a maré alta e a maré baixa é chamado espaço pelas ondas, que desenvolvem um poderoso trabalho erosivo na base da arribe. Ao longo do espaço a água desmonta e arredia.

Forma-se uma superfície aplanada e ligeiramente inclinada para o mar, a plataforma de abrasão, onde se depositam as areias provenientes de outras arribas que abateu.

Plataforma de Abrasão

- Superfície litoral aplanada e ligeiramente inclinada para o mar, devido à acção das ondas na base das arribas

Transporte

- Os materiais arrancados à arribe vão sendo atacados pelas ondas e, à medida que se fragmentam em partículas menores, vão sendo transportados e arrastados pelas correntes marítimas

Acumulação

- Quando as águas do mar perdem a sua força ao encontrarem costas baixas depositam o material que transportam formando praias/dunas

Quais as principais formas de relevo litorais?

- As que resultam da erosão: * Plataforma de abrasão* Arribe* Arribe Fossil* Cabo* Baias/Ensedeadas
- As que resultam da acumulação: * Praia* Cordão litoral/Restinga* Laguna/Ria/Haff* Delta* Tómbolo

Costa Alta - Arribe

- Arribe ou Costa Alta é um contacto directo do mar com a parede rochosa.
- Comete com os locais de rocha dura (como por exemplo granito, xisto e calcário), sendo mais alta quando o material dominante é o calcário.

Arribe

- Paredão rochoso muito íngreme, formado pela acção das ondas

Costa Baixa - Praia

- Praia ou costa baixa — litoral de baixa altitude, resulta da acumulação de areias transportadas pelas correntes marítimas e pelos rios

Principais formas do litoral

Formas do litoral português

Formas do litoral português

- Portugal possui cerca de 850 km de costa com um contorno pouco lido/rectilíneo, mas com alguns acidentes litorais interessantes como em:
- A - Aveiro - por acção de acumulação marinha formou-se um cordão de areia que criou uma pequena baía - haff - O rio Vouga, desaguando nela, criou um delta - o haff-delta
- B - Peniche - a pequena ilha de Peniche, muito próxima da costa, pelo facto de o mar acumular sedimentos, se ligou ao continente através de uma faixa de areia - o tómbolo - passando a ser um cabo (Cabo Carvoeiro).
- Quando o continente português se abriu para o mar por várias passagens, as águas do rio Tejo, da arribe que se formou nesta área, foram originar a pequena ilha que não está totalmente isolada do continente - a Ilha de Jogo.

Abrasão - no Forte Novo

O sítio do Forte Novo da Quinta em Foz de 1976 (costa) e em Fevereiro de 1988 (baía) mostra-se quase idêntico, com as duas fotos e o presente sendo a esquerda da via de 1976.

Haff-Delta de Aveiro

Tómbolo de Peniche

Lido da Ria Formosa

Lido da Ria Formosa

- Este sistema lagunarente tem uma forma triangular e apesar de ser reconhecido como tal, na realidade não o é. Uma vez que uma ria é um vale transformado pelo mar, o que não é o caso, uma vez que a laguna não é nenhum vale fluvial e é formada por linhas barreira
- O seu fundo é constituído essencialmente por sedimentos lagunares (matéria orgânica, vasa salgada), sedimentos continentais (produtos do transporte pelas ribeiras) e escórias das águas das chuvas (sedimentos arenosos) (provenientes das correntes de mar), sobretudo das barras, galbarmentos e ventóis, que se têm vindo a consolidar com a ajuda da "mortaja" que é um tipo de vegetação predominante e característico desta região.
- Alguns Formosinhos bastante desenvolvidos devido aos canais formados pela influência das correntes de mar, formando assim, uma rede hidrográfica densa.

Curiosidade!

- As águas do mar são transparentes.
- Mas, ajudado ao observar, ela parece azul, verde ou até cinzento.
- O resultado não é nem o mar azul.
- O que torna o mar azul é o facto de que a luz azul não é absorvida ao contrário do amarelo e do vermelho.
- Também depende da cor da terra ou das algas transportadas pelas suas águas.
- A partir de uma certa profundidade, as cores começam a sumir do fundo do mar.
- A primeira cor a desaparecer é o verde, aos seis metros.
- Depois, vem o amarelo e o cinzento.
- Até chegar a um ponto em que só se vê o azul.